

VERÔNICA ELIZABETH RIVAS

***YO NO SOY BOLIVIANO SOY CARIOCO – ENTRE LÍNGUAS E
PRECONCEITOS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidades Fronteiriças

Orientador(a): Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira

**CORUMBÁ/MS
2011**

Este documento corresponde à versão final da dissertação de mestrado intitulada *YO NO SOY BOLIVIANO SOY CARIOCO – ENTRE LÍNGUAS E PRECONCEITOS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA*, apresentada à Banca Examinadora do Curso de Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal.

Presidente da Banca Examinadora
Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira

Avaliadora
Prof^a. Dr^a. Regina Baruki Fonseca

Avaliadora
Prof^a. Claudete Cameschi de Souza

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a Deus por ter me dado força e saúde para finalizar este trabalho, que apesar de momentos difíceis deu-me força para lutar pelos meus sonhos.

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor Tito Carlos Machado de Oliveira pela confiança e por mostrar-me caminhos na busca da competência cognitiva como forma de transformação do ser político em especial para que sejamos pesquisadores conscientes de nossa responsabilidade social. Obrigada pela oportunidade e serenidade com que me orientastes nesta pesquisa.

Agradeço à Professora Doutora Rosangela Villa da Silva que iniciou esta caminhada árdua, motivando-me na busca pelo saber científico.

Agradeço à minha família, que é o bem maior que tenho nesta vida. Em especial, agradeço ao Mérces Dias Junior, companheiro de todas as horas que esteve ao meu lado nos momentos mais críticos ajudando-me a tirar “As pedras do meio do caminho”. Obrigada por ter compreendido minha ausência e mau humor. Sabes o quanto foi importante esse período de dedicação para a minha formação pessoal e profissional.

Estudar a fronteira por meio da língua foi um desafio que enfrentei com muita garra e determinação. Este estudo transformou minha visão de mundo e fez-me perceber o quão grandioso é pesquisar uma região de fronteira, lugar de riquíssimas informações que, aliada às pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Estudos Fronteiriços Câmpus Pantanal, vemos que conseguiremos ações de desenvolvimento local, que contribuirão de forma efetiva na integração socioeconômica dos habitantes desta região.

Meu agradecimento especial à Professora Me. Suzana Vinícia Mancilla Barreda, pessoa ímpar, a quem tenho grande admiração e respeito. Sua conduta ética e responsabilidade profissional serve-me de exemplo. Obrigada Suzana, por tudo que me ensinastes e pela contribuição que também destes no processo de organização deste trabalho, seu incentivo foi crucial para que eu o concluísse.

Meus agradecimentos aos diretores (as) que com receptividade autorizaram minha pesquisa em suas unidades escolares e intermediaram o meu contato com os estudantes partícipes (sujeitos) desta investigação. E finalmente a todos os professores e colegas da segunda turma de Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS/ CPAN. Nesta turma tivemos momentos de discussões acaloradas, mas extremamente profícuas para nosso amadurecimento intelectual.

“Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. Assim como não se julga o que o indivíduo é a partir do julgamento que ele faz de si mesmo, da mesma maneira não se pode julgar uma época de transformação a partir da sua própria consciência”.

Karl Marx

RIVAS, Verônica E. **Yo no soy boliviano soy carioco - Entre línguas e preconceitos na fronteira Brasil-Bolívia**. 95 f. 2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Strictu Senso. Estudos Fronteiriços, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus Pantanal. Corumbá/MS.

RESUMO

Esta pesquisa faz um recorte linguístico sociocultural por meio das línguas em contato, português e espanhol (castelhano), em uma das fronteiras do Brasil com a Bolívia. Tal estudo motiva-se pelo fato de nesta região haver escasso número de investigações linguísticas. Nessa perspectiva nos propusemos a analisar a interação linguística oriunda da relação dessas línguas no contexto escolar corumbaense, assim observamos possíveis influências ou interferências de uma língua sobre a outra, ou variantes linguísticas utilizadas entre os estudantes de Ensino Médio de escolas públicas e particulares. Centramos a pesquisa entre os municípios de Corumbá/MS, Brasil e Puerto Suárez na Bolívia. Enfocamos considerações sobre a aplicabilidade da Lei Federal 11.161/2005, que dispõe sobre o ensino da língua espanhola, apresentamos algumas questões sobre relação de “preconceito e discriminação a bolivianos, tendo em vista que tal atitude foi constatada no decorrer da análise. Sobre o ensino da língua estrangeira com a inclusão do espanhol na grade curricular das escolas, mostramos os resultados extraídos de questionários semi-estruturados aplicado nas escolas partícipes desta investigação. O método aplicado nesta investigação foi o da Sociolinguística, nesse processo buscamos compreender os padrões encontrados nessa interação entre língua, cultura e sociedade, na perspectiva de conceber a língua enquanto contexto social. Assim, o resultado mostrou-nos que essa área de fronteira apresenta pouca interação linguística e a integração social ocorre de forma parcial, a convivência é amistosa, porém há um certo distanciamento permeado de preconceitos e hostilidades em relação aos vizinhos bolivianos. Nesse contexto, concluímos que há uma tendência de negação às origens e a aculturação dos estudantes descendentes. Essa convivência estigmatizada e inferiorizada vivida pelos estudantes descendentes de bolivianos no contato com o brasileiro, suscita políticas educacionais que vislumbrem mudanças nesse paradigma interacional.

Palavras-chave: Fronteira – Contato – Línguas - Estudantes

RIVAS, Verônica E. **Yo no soy boliviano soy carioco – Entre línguas e preconceitos na fronteira Brasil-Bolívia.** 95 f. 2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Strictu Senso. Estudos Fronteiriços, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus Pantanal. Corumbá/MS.

RESUMEN

Esta investigación hace un recorte lingüístico sociocultural hacia las lenguas en contacto portugués y español (castellano), en una de las fronteras de Brasil con Bolivia. Este estudio, fue motivado por no haber muchas investigaciones lingüísticas en esta región. En esta perspectiva nos propusimos a analizar la interacción lingüísticas oriunda del contacto de estas lenguas en el contexto escolar de la ciudad de Corumbá. De esta forma, observamos posibles interferencias e influencias de una lengua sobre la otra, o variantes lingüísticas que está en uso en el habla de los estudiantes de enseñanza media de escuelas públicas y particulares. La investigación está centrada entre las ciudades de Corumbá en Brasil y Puerto Suárez en Bolivia. Enfocamos consideraciones sobre la aplicabilidad de la Ley Federal 11.161/2005, que dispone sobre la enseñanza de la lengua española, presentamos algunas cuestiones sobre la relación de prejuicio y discriminación a los bolivianos, esta actitud fue comprobada en este estudio. Sobre la enseñanza de lengua extranjera con la inclusión del español en el currículo de las escuelas, hemos presentado los resultados que sacamos de los cuestionarios que fueron aplicados en las escuelas participantes de esta investigación. Trabajamos con el método de la Sociolingüística para comprender los padrones encontrados en esta interacción entre lengua cultura y sociedad, en la perspectiva de entender la lengua en su contexto social. El resultado de esta investigación nos muestra que esta región de frontera con Bolivia presenta poca interacción lingüística y la integración social ocurre parcialmente, la convivencia es amigable, pero hay un distanciamiento lleno de prejuicios y hostilidad en el contacto con los bolivianos. Ese contexto resulta en la posible negación al origen y aculturación de los descendentes de bolivianos. Ese contacto estigmatizado e interiorizado que viven los bolivianos en esta frontera, necesitan de políticas educacionales que vislumbren cambios de paradigmas en el contexto de interacción.

Palabras claves: Frontera – Contacto – Lenguas - Estudiantes

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura - 1 Localização de zona e faixa fronteiriça da região estudada	21
Figura - 2 Vista panorâmica do Porto Geral no século XX	23
Figura - 3 Comércio Catarinense	37
Figura - 4 Dois Prédios localizado na Avenida General Rondon	44
Figura - 5 Prédio localizado na Avenida General Rondon	45
Figura - 6 Vendedoras de artesanatos no Porto Geral de Corumbá	46
Gráfico 1 – Escolas Públicas- Consideram importante aprender a língua espanhola	60
Gráfico 2 – Escolas Públicas - Emprego do espanhol em alguma situação	61
Gráfico 3 -.Escolas públicas - Caso tenham que optar por inglês ou espanhol .	62
Gráfico 4 – Escolas Públicas - Impressões dos estudantes sobre os bolivianos.	63
Gráfico 5– Escolas Públicas - Presenciou preconceito ou discriminação a bolivianos	64
Gráfico 6 – Escolas Públicas - Como vem o contato entre brasileiros e bolivianos	64
Gráfico 7 – Escolas Particulares - Emprego do espanhol em alguma situação ..	66
Gráfico 8 – Escolas Particulares - Impressões dos estudantes sobre os bolivianos	67
Gráfico 9 – Escolas Particulares - Presenciou preconceito ou discriminação a bolivianos	68
Gráfico 10 – Escolas Particulares - Como vê o contato entre brasileiros e bolivianos	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Coleta de dados Questionário	30
Quadro 2 – Coleta de dados Entrevista	30
Quadro 3 – Escolas públicas inglês e espanhol	58

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	12
1.0 CONTEXTO DO AMBIENTE DE ESTUDO	17
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
2.1 A coleta de dados	31
2.2 Linguagem na fronteira: abordagem sobre línguas em contato	33
2.3 Espanhol e português na fronteira Brasil/Bolívia	38
3. ASPECTOS DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS NESTA FRONTEIRA	41
4. POLÍTICAS LINGUÍSTICAS – LEGISLAÇÃO PERTINENTE	48
4.1 As políticas linguísticas do Mercosul	50
4.2 A aplicabilidade da Lei Federal 11.161/2005	55
5.IMAGEM, PRECONCEITO E INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES BRASILEIROS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA	59
5.1 Olhar dos estudantes sobre a fronteira com a Bolívia	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
BIBLIOGRAFIA	86
APÊNDICES	90

APRESENTAÇÃO

Historicamente o que define o tipo de contato linguístico existente nas fronteiras vincula-se a dimensões resultantes do espaço geográfico, social e cultural. Nesse âmbito essas relações apresentam singularidades permeadas pelo poder político e econômico entre os países fronteiriços. Esse encontro intercultural muitas vezes representa choques conflitantes aos moradores em contínuo contato. Ante essa temática este trabalho é resultado da necessidade de analisar o contato das línguas espanhola e portuguesa no contexto escolar corumbaense e ressaltar a partir dessa convivência linguística estudantil as relações interculturais entre brasileiros e bolivianos.

Ante esse contexto, optamos por centrar nossa investigação no município de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, que se localiza na fronteira com a Bolívia. O primeiro contato em território boliviano ocorre no distrito de Arroyo Concepción, província de Germán Busch, depois se adentra a Puerto Quijarro, Puerto Aguirre e chega-se a Puerto Suárez, em torno de 20 km de Corumbá.

Considerando o escasso número de estudos linguísticos que envolvam essa região, levantamos algumas indagações como: Quais os aspectos do contato linguístico entre o espanhol e português, em Corumbá-MS? Há interesse dos estudantes corumbaenses em aprender a língua espanhola? Será que a proximidade geográfica com um país hispanofalante pode influenciar nessa escolha?

Nessa problemática, no presente trabalho buscamos analisar a interação linguística oriunda do contato dessas línguas no contexto escolar corumbaense, com a perspectiva de observar possíveis influências ou interferências de uma língua sobre a outra no contexto dos estudantes de Ensino Médio de escolas públicas e particulares da região.

As discussões para a descrição e a definição do fenômeno do contato linguístico apresentado nesta pesquisa apresentam algumas contradições devido à indefinição teórica, existente entre os autores consultados, visto que, ainda não há uma teoria geral do contato em que a maioria dos especialistas possam se embasar para explicar tal fenômeno.

Esta dissertação está amparada no método de pesquisa da sociolinguística, tendo em vista que, os estudos sociolinguísticos no Brasil apresentam resultados cada vez mais significativos em diversos aspectos que envolvam a língua

Para respaldar nossas perquisições científicas, ordenamos nossa investigação de acordo com alguns pontos básicos importantes na pesquisa de campo, preconizados pelos

pressupostos teórico-metodológico da sociolinguística e modelo de análise proposto por Fernando Tarallo (1986), que perpassa os seguintes passos: 1º Definição de terminologia; 2º definição de objetivos, classificação; 3º delinear área de observação. 4º escolha criteriosa de público alvo; 5º elaboração de testes adequados com módulos ou questionários; 6º equipamento de gravação apropriado; 7º planejamento preliminar do estudo. Estes passos servem como base no procedimento para coletar dados linguísticos adequados ao foco de nossa pesquisa.

Este trabalho apresenta aspectos relacionais entre brasileiros e bolivianos do ponto de vista dos estudantes brasileiros e descendentes de bolivianos, que suscitem debates mais amplos no contexto educacional e sociopolítico. Tendo em vista que representa um estudo para várias outras investigações que não se encerram neste enfoque. Abrimos um leque de possibilidades, para que possamos olhar a fronteira por meio do contexto sociocultural e linguístico.

Esta parte da fronteira apresenta singularidades que nos leva a querer entender o porquê de condutas e interações linguísticas diferenciadas no contato de seus habitantes. Cabe elucidar que devido a nossa localização geográfica, que nos coloca em contato diário com a cultura boliviana (apesar de não vivermos exatamente entre cidades gêmeas), visto que estamos a 5 km de distância do limite demarcatório oficial da linha de fronteira, tal proximidade nos tornam sujeitos fronteiriços, mesmo que não haja essa identificação entre os habitantes deste espaço fronteiriço como mostra o resultado deste trabalho.

INTRODUÇÃO

Considerando que, o Brasil apresenta uma extensão territorial de 3.423 km de fronteiras com a Bolívia, a pesquisa centrou-se entre os municípios de Corumbá/MS, Brasil e Puerto Suárez na Bolívia. Vale ressaltar que citamos Puerto Suárez como forma de referência e localização geográfica dessa região, visto que é a cidade identificada no mapa, mas o foco desta investigação não a envolve diretamente.

O procedimento teórico e metodológico desta pesquisa está amparado na sociolinguística, tendo em vista que uma das dimensões da sociolinguística é o estudo das línguas em contato e seu grau de adstrato. Além de ser uma ciência que estuda a língua numa perspectiva social e sua transformação em função dos aspectos sócio-históricos. Cabe aclarar que, para esta ciência da linguagem, a língua existe enquanto interação social e pode transformar-se de acordo com o contexto sócio-histórico de seus falantes. Assim, a descrição da diversidade no contexto sociocultural e linguístico da região estudada é importante para a compreensão do comportamento linguístico tomado por estudantes brasileiros em contato com bolivianos e descendentes no contexto escolar desta fronteira.

O estudo aborda também considerações sobre a aplicabilidade da Lei Federal 11.161/2005, que dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Nesse sentido, discutimos as dificuldades que as escolas enfrentam para a adaptação a essa Lei nesse novo contexto do ensino das línguas estrangeiras.

Conforme o resultado desta pesquisa constatamos indícios de preconceito e discriminação em relação a alunos descendentes de bolivianos que estudam nas escolas envolvidas, por essa razão, decidimos ampliar nossas discussões nesse aspecto, visto que há grandes assimetrias econômicas entre o Brasil e Bolívia (tal afirmação será contextualizada e embasada no capítulo I), por essa razão procuramos apresentar neste estudo algumas questões sobre essa relação de “preconceito a bolivianos”, e a que se deve o aparente distanciamento aos costumes e tradições da Bolívia.

Sobre o ensino da língua estrangeira com a inclusão do espanhol na grade curricular das escolas, e sua relevância principalmente em regiões fronteiriças, buscamos dados para entender e questionar porque é necessária uma lei federal para atender à realidade linguística de uma região de fronteira? A vizinhança espacial com um país hispanofalante já não é um fator de relevância para que o ensino desse idioma seja implementado nas escolas do

município? Levantar essas dissonâncias que o poder público apresenta em relação ao ensino de línguas estrangeiras, são questionamentos latentes nesta investigação.

No que se refere à interpretação dos dados coletados, procuramos analisar o tipo de interação linguística existente na relação diária entre estudantes brasileiros e bolivianos e detectar se esses contatos são motivados pelas características geográficas, econômicas ou sociais. Nesse sentido, adotamos no presente trabalho a seguinte organização:

No primeiro capítulo, resumimos o contexto geral do ambiente de estudo. Nesse ponto fizemos algumas considerações sobre o Estado, a Nação e o Nacionalismo, tendo em vista que nos aportam para o entendimento da organização social e política que temos hoje. Assim, abordamos o recorte político ideológico temporal feito por Hobsbawm (1989) sobre a construção da idéia de nação, citando contextos históricos de embate entre o marxismo e o positivismo, visto que apresentam complexidades conceituais e históricas sobre o que é de grande valia para uma compreensão mais ampla sobre a sociedade que temos hoje. Concernente a essa temática, abordamos outras considerações sobre políticas territoriais embasados em Magnoli (1997) que em “O corpo da Pátria”, nos apresenta a geo-história brasileira e a origem das fronteiras nacionais

No segundo capítulo, mostramos a teoria que embasa nossa pesquisa contextualizando o objeto de estudo da sociolinguística que grosso modo, refere-se à diversidade da língua e sua relação com a sociedade. Abordou-se a concepção de linguagem e as línguas em contato na fronteira à luz da teoria de alguns autores da área como Fernando Tarallo¹, William Labov² que propôs o modelo de estudo da sociolinguística Varacionista ou teoria da variação, Jean Calvet³, que aborda os empréstimos e as interferências linguísticas o conceito de Ferdinand Saussure⁴ sobre língua e fala. Os estudos de Jorge Espiga e Elizaincín que discutem o contato do espanhol e do português com referência sobre tipologias linguísticas, entre outros estudos como, por exemplo, os da professora Eliana Sturza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que possui uma ampla análise das práticas de línguas de fronteiras contribuindo nos

¹ Doutor em sociolinguística pela Universidade da Pensilvânia – sua obra tem como estudo central a metodologia da pesquisa em sociolinguística.

² Considerado pai da sociolinguística variacionista. Fixou, em 1964, um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social e relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico. Destacamos Labov, pela importância dos métodos empregados.

³ Doutor em Linguística, Letras e Ciências Humanas pela Universidade de Paris. Enfocam-se neste trabalho seus estudos sobre as políticas linguísticas.

⁴ Linguista suíço. (1857 – 1913). Lecionou Linguística Geral na Universidade de Paris e de Genebra. Seus conceitos foram publicados após a sua morte por dois de seus alunos (Bally e Sechehaye) a obra “Curso de Linguística Geral.

aportes teóricos desta investigação. Foram levantadas questões sobre o aspecto das relações interculturais direcionando as discussões ao preconceito e discriminação.

Os procedimentos metodológicos seguem modelo da sociolinguística que tem teoria e um método próprio de pesquisa no processo de investigação científica. A área de observação foi definida pelo contexto escolar e foram escolhidos como participantes da pesquisa, estudantes de 1º 2º e 3º ano do Ensino Médio. Para os instrumentos de coleta de dados e amostra probabilística foram utilizados questionários semi-estruturados e roteiro de entrevistas, o método para coleta de entrevistas foi elaborado com enfoque nas línguas em contato.

Cabe elucidar, que esta pesquisa por ser de natureza qualitativa, alguns tópicos do método de entrevista na coleta de questionários foram adaptados, além de coletar quantitativo de possíveis variáveis fonológicas ou morfossintáticas, o objetivo específico desta pesquisa foi destacar o nível de interação linguística entre estudantes brasileiros e bolivianos que convivem na escola. O método aplicado buscou compreender os padrões encontrados nessa interação entre língua, cultura e sociedade, na perspectiva de que não se pode conceber uma língua que não seja social. Assim, as amostras foram estratificadas de acordo com as características sociais dos falantes da língua portuguesa e das escolas em que estudam. Por essa razão foram selecionadas ,em Corumbá, duas privadas e duas públicas sendo elas: Escola Estadual Dr. João Leite de Barros; Escola Octacílio Faustino da Silva, Escola Tenir e Escola SESI. Nestas escolas tivemos boa comunicação e recepção tanto da parte da direção quanto da coordenação.

O capítulo três envolve discussões sobre os aspectos das relações interculturais encontrados na pesquisa e que reflete uma relação delicada envolvendo preconceito e discriminação no contexto da sala de aula e fora dela. Neste ponto mostramos que, uma parcela considerável de adolescentes descendentes de bolivianos não aceitam suas origens, devido ao tratamento estigmatizado que recebem no lado brasileiro. Citamos entrevista feita com o presidente do Centro Boliviano de Corumbá, em 2010, órgão que procura desenvolver a integração de bolivianos que vivem no lado brasileiro da fronteira. Conforme o representante desse órgão, n a relação intercultural dos habitantes dessa fronteira há dificuldade de auto-afirmação cultural e linguística do boliviano, tendo em vista o tratamento diferenciado.

No capítulo quatro discutimos políticas linguísticas sob a ótica de Calvet (2007) que nos mostra que as línguas existem para servir aos homens e não o inverso, e que ao Estado é atribuída a função das escolhas sobre as políticas de planejamento linguístico. Nesse sentido

enfocamos o Estado de Mato Grosso do Sul e seu contexto no Mercosul. Destarte, abordamos também a questão da aplicabilidade da Lei Federal 11.161/2005.

No quinto e último capítulo, apresentamos o resultado da análise de dados que foram mensuradas nesta pesquisa que está intitulada como, “Imagem, preconceito e integração dos estudantes brasileiros na fronteira Brasil-Bolívia. Assim, os registros foram categorizados em dois grandes tópicos:

I Registro - Língua espanhola – neste tópico foi enfocado sua importância, uso, opção de língua estrangeira e grau de interação (grifo nosso):

Mais de 96% dos alunos de ambos os sexos consideram de grande importância aprender a língua espanhola motivados primeiramente pela possibilidade de ascensão no mercado de trabalho seguido pela possibilidade de comunicação com o país vizinho. Mas se tivessem que optar por apenas um idioma observamos que nas escolas particulares há maior interesse pela língua inglesa e nas escolas públicas demonstrou-se maior interesse pela língua espanhola. Constatamos que a inserção da língua espanhola na fala dos estudantes partícipes desta pesquisa é muito reduzida, eles não costumam praticar o idioma e também não se esforçam muito em tentar falar em espanhol, a não ser no contexto comercial, os estudantes entrevistados demonstraram saber apenas frases soltas.

De uma forma geral, há no uso da língua a tendência entre os estudantes de utilizar o idioma apenas como instrumento de favorecimento pessoal, ou seja, não há neste contato o interesse interacional, esse fato explica-se pelos estudantes demonstrarem maior preocupação em conseguir descontos nas compras entre os atendentes do comércio boliviano.

Fato que podemos confirmar nas respostas obtidas, quanto ao uso e opção de uma língua à outra. Tendo em vista que, alguns estudantes manifestaram existir oportunhol nesta fronteira, queremos aclarar que para afirmarmos categoricamente que existe umportunhol nesta fronteira seria necessário um número maior de informantes de vários outros segmentos sociais. Nós nos detivemos na amostragem do contexto escolar para definir o grau desse contato. Por essa razão refutamos tal informação que demandaria dados mais abrangentes e uma quantidade maior de informantes. Mas levantamos a possibilidade de que haja o uso da “língua comercial”. Que pode ser um fenômeno linguístico proveniente do grande fluxo comercial existente nesta localidade.

II Registro - Bolívia - impressões, preconceito e integração, como é vista pelos estudantes, qual é a imagem que eles têm do país vizinho.(grifo nosso)

Alicerçados em (Bourdieu, 2009) inferimos que a integração social de uma comunidade plural não se concretizará se não houver reconhecimento e a aceitação das

diferenças. Percebemos nesta fronteira, que a integração social ocorre de forma parcial, a convivência é amistosa, existe grande contatocomercial com interesse de ambos os lados da fronteira, porém, há certo distanciamento carregado de preconceitos quanto às diferenças culturais e econômicas apresentadas pelos bolivianos. A materialização de valores na formação social preconizada por Fiorin (2007) em relação ao enunciador, não está livre das coerções sociais e se reproduz no discurso do falante em forma de uma ou várias ideologias assimiladas em suas relações sociais. Nessa formação social a formação discursiva dominante é a da classe dominante. Tendo em vista que, o homem é produto de relações sociais, por essa razão, reage, pensa e fala como os membros de seu grupo social.

Consoante a essa concepção inferimos que, o discurso apresentado pelos estudantes no que concerne aos bolivianos em relação a preconceito e discriminação aparece no discurso transmitido pelos estudantes um estereótipo negativo e cheio de aversões e hostilidades em relação ao boliviano, é essa a reprodução do que já está posto social e culturalmente, mas que não é admitido claramente pela sociedade. Esse contexto se confirma nas respostas dadas pelos estudantes referentes à imagem e conhecimento que eles têm do país e do cidadão boliviano.

Diante de todo o exposto nesta investigação, abrimos um parêntese para aferirmos que, no contato diário de brasileiros e bolivianos percebemos duas tipologias fronteiriças predominantes: primeiro a de uma fronteira vibrante, visto que o contato comercial é intenso e há dinâmica de interações econômicas com interesses de ambos os lados, porém, há também a fronteira distante, no que se refere ao contato sociocultural, visto que não há uma forte assimilação das tradições e dos costumes bolivianos entre os brasileiros apesar de existir algumas manifestações religiosas que integram seus habitantes, não é predominante.

Acreditamos que este trabalho é iniciador de uma discussão delicada, visto que, pesquisar um contexto linguístico fronteiriço carregado de preconceitos e discriminação, sempre gera polêmica, mas não podemos fechar os olhos para a realidade posta em nossa pesquisa, através do olhar dos estudantes.

1. O CONTEXTO DO AMBIENTE DE ESTUDO

Para entender a origem das fronteiras cabe trazer algumas considerações apontadas pela história, tendo em vista que, apresentam um paradoxo do objetivismo moderno e a subjetividade do passado sobre o Estado, a Nação e o Nacionalismo, que mesmo com todas as divergências são estudos que nos aportam para o entendimento da organização social e política que temos hoje.

Hobsbawm (1989) faz um recorte político ideológico temporal sobre a construção da idéia de nação, citando contextos históricos de embate entre o marxismo e o positivismo e apresenta grandes complexidades sobre o tema que é de suma importância a sua compreensão para a sociedade, neste sentido ressalta que o termo nação não ultrapassa o século XVIII. Apesar da multiplicação de aportes teóricos sobre nacionalismo não se observou segundo o autor, muitos avanços nos anos posteriores, mas é enfático ao colocar que os movimentos nacionalistas foram maiores nos períodos de 1968 a 1988.

O problema na hora de diferenciar uma nação de outras entidades deve-se a estudos que eram centrados apenas no conceito de nação não contemplando a real existência de nacionalidade com explicações concretas sobre porque alguns grupos tornaram-se nações e outros não:

A alternativa para uma definição objetiva de nação é uma definição subjetiva, seja ela coletiva (seguindo a frase de Renan: ‘uma nação é um plebiscito diário’), seja individual, à moda austro-marxista de se considerar a ‘nacionalidade’ como passível de aderir às pessoas, onde elas vivessem ou com quem vivessem, sobretudo se estas decidissem exigí-la. Ambas são tentativas evidentes de se escapar da compulsão do objetivismo *a priori*, adaptando, de forma diferente em ambos os casos, a definição de ‘nação’ território nos quais pessoas com diferentes línguas ou outros critérios ‘objetivos’ coexistem [...] (HOBBSBAUWM, 2002, p. 16-17 grifo do autor)

Temos duas vertentes que norteiam a conceituação de nação: o conceito revolucionário-democrático centralizada na cidadania e soberania do povo, e temos o nacionalista que apresenta a equação, estado nação e povo. Conforme o que foi contextualizado, o autor evidencia que, não podemos usar como critério de definição para Estados-Nações, a língua, a etnicidade e a religião, visto que não podem ser dissociados, porque envolvem questões territoriais. Na verdade o que tem que existir, é a representatividade no interesse do bem coletivo, interesses do povo contra interesses individuais. O autor cita como exemplo as Guerras Napoleônicas que não possuía nenhum

desses critérios em sua constituição, apesar de na prática alguns desses critérios terem sido utilizados em contextos que envolviam a segurança nacional.

Nesse sentido, não se pode considerar a nação como uma entidade de origem social ou imutável, a não ser quando relacionada ao estado territorial moderno, o nacionalismo surge antes do conceito de nação. “As nações não formam os estados e os nacionalismos, mas sim o oposto”, (HOBSBAUWM, 2002, p 19) Por essa razão, as nações devem ser analisadas de baixo para cima, e, de acordo com as questões políticas, econômicas e administrativas, adequadas aos interesses do povo e não somente do governo. Na mesma linha de análise Anderson (1989), discorre sobre a idéia de nacionalismo a partir da crise do socialismo, afirmando que os marxistas não apresentaram nenhuma teoria consistente sobre o tema.

Abordando esta temática enfocaremos algumas considerações sobre políticas territoriais discutidas por Magnoli (1997, p. 272) no texto que apresenta a geo-história brasileira e a origem das fronteiras nacionais:

Como regra, os estudos sobre as estratégias de integração territorial no Brasil atribuem à centralização política oriunda da Revolução de 1930 o papel de impulso inicial. A chamada República Velha é identificada, descuidadamente, ao predomínio do regionalismo oligárquico e a perda de capacidade do Estado em conduzir empreendimentos de envergadura maior, excetuando-se as operações financeiras de ‘salvação’ da lavoura cafeeira e, claro, a repressão ao movimento operário nascente.

A política territorial de fronteira no Brasil, segundo Magnoli, está marcada por dificuldades na elaboração de políticas públicas direcionadas para cada espaço fronteiriço devido a interesses governamentais diferenciados. Visto que, cada área apresenta uma regulação de estado específica com redes de intercâmbio diversificado. A linha de fronteira surge em meio a divergências e sucessivos tratados com episódios de conflitos militares.

Cabe lembrar que, em relação às demarcações fronteiriças a constituição brasileira de 1988 estabelece: Faixa de fronteira, para municípios que estão a 150 quilômetros da linha demarcatória oficial, Linha de fronteira, para municípios que ficam a poucos metros da demarcação; e Cidades-gêmeas para municípios fronteiriços que se desenvolveram no limites de países vizinhos (PEREIRA, 2009).

É interessante ressaltar conforme Magnoli (1977, p 242.) que foi no período do Império, que mais da metade do território atual brasileiro foi delimitado, 32% durante a Primeira República e somente 17% no período colonial.

As literaturas sobre limites e fronteiras internacionais apresentam várias classificações e tipologias que foram evoluindo desde a época das disputas territoriais entre Espanha e

Portugal na América. Esse domínio territorial do **Novo Mundo** alterou toda a geografia mundial conhecida até então, pelo homem.(grifo nosso)

Quando se fala de fronteira convém entender as diferenças conceituais entre espaço e território. Para Raffestin (1993), o território se forma a partir do espaço, com o tempo, depois do processo de apropriação espacial ocorre a territorialização desse espaço, nessa perspectiva o autor afirma que o espaço representa a prisão original e o território é a prisão que os homens constroem para si. O território apóia-se no espaço para tornar-se um local de representações e relações de produção e poder.

Na questão da territorialidade Raffestin apresenta uma definição *Lato sensu*, no que concerne às problemáticas relacionais, relacionando o termo a um sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo, estas se apresentam carregadas de relações de poder. Segundo o mesmo autor, desde o surgimento do homem, as noções de limites e de fronteiras evoluíram, mas não desapareceram. Estes significados são conceituados segundo suas funções, a mais utilizada e considerada essencial é a função legal, por não ter uma conotação negativa, este conceito delimita fronteira como área no interior da qual prevalece um conjunto de instituições jurídicas e normas que regulamentam a existência e as atividades de uma sociedade política. (grifo nosso)

Nessa perspectiva tem-se também a função de controle, que tem por obrigação inspecionar a circulação dos homens e controlar informações de uma forma geral. Quanto à função fiscal representou um instrumento de protecionismo político e econômico. Considerando-se essas três funções, pode-se construir um sistema hierárquico de fronteiras que dá conta das relações de poder que se instauram ou que podem se instaurar entre os atores políticos por intermédio das fronteiras.

Após estas considerações, pode-se aferir que a ocupação do espaço resulta no território, e, as relações existentes nesse, originam a territorialidade. Nesse contexto, cabe elucidar que, conforme Raffestin (1993, p. 165), o território apresenta demarcações denominadas de limites: “Toda propriedade ou apropriação é marcada por limites visíveis ou não, assinalados no próprio território ou numa representação do território: plano cadastral ou carta topográfica”. Nesse processo temos inculcado a interface da fronteira que representa o subconjunto do conjunto limite e como tal pode ser um instrumento de manipulação ideológica. As demarcações fronteiriças, segundo o autor podem ter a função legal, fiscal e de controle.

Segundo Ribeiro (2002) semanticamente, o termo fronteira apresenta ambiguidade na conceituação, numa primeira acepção pode nos remeter a uma conotação militar, visto que

deriva do termo *fron*te que em tempos antanho significava ordem de batalha, mas podemos designá-la também como zona de contato entre territórios distintos. Convém citar que a concepção do termo limite enquanto separação entre nações soberanas é uma designação mais moderna (grifo do autor).

Numa outra interpretação, Oliveira (2008), interroga sobre o papel das fronteiras no espaço latino-americano tentando desmistificar o mito do **fim das fronteiras** (grifo do autor). Segundo o autor, o território apresenta uma ordem global e outra local sendo que, a primeira segue a cartilha dos organismos internacionais que ditam a intensidade dos fluxos no planeta desconsiderando os interesses locais numa perspectiva homogeneizante sobre o território. A segunda postula que o território na perspectiva da ordem local, se organiza através da atuação dos atores locais e permitem formas variáveis dos fluxos fixando dessemelhanças e identidades ao território.

Essas formas globais e locais na organização do território quando sobrepostas amarram redes complexas de intercâmbios nas relações de interatividade econômicas. Devido às relações de interação cada vez mais fecunda, subvertem-se as formas de controle nos espaços fronteiriços indo de encontro à tentativa de uniformização do território preconizada pela ordem global. “A condição de fronteira impõe mobilidade aos indivíduos de qualquer classe social, com diferentes graus de intensidades [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 4).

O nosso campo de pesquisa localiza-se na fronteira Brasil/Bolívia, esta região apresenta uma extensão territorial de 3.423 quilômetros aproximadamente e engloba quatro estados brasileiros em sua faixa de fronteira, são eles o Estado do Mato Grosso do Sul, do Mato Grosso, do Acre e de Rondônia.

Observando o mapa conforme figura 1, temos a demarcação das zonas e faixas de fronteiras do Brasil. A seta em destaque indica a localização da área pesquisada nesta investigação:



Figura 1 – Localização de zona e faixa fronteiriça

Disponível em: <http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras/mapas/map007.htm>. Capturada em: 09/04/2010

Numa perspectiva da ciência geográfica Oliveira (2009) postula que, a região em estudo, localizada no mapa da figura 1, é tipificada por fronteira vibrante e caracteriza-se pela convivência mais dinâmica e viva devido à relativa importância demográfica e complexa estrutura social, em que há confrontação e cooperação dos organismos políticos e econômicos, mas que até a década de 70 era uma fronteira protocolar, ou seja, um território tomado por ações de Estado ou empresariais à distância prevalecendo relações burocráticas e militares no combate ao narcotráfico e ao contrabando sem considerar ações de cooperação e integração para o território. Entretanto, elucida que essa classificação dada a esses tipos de

relações fronteiriças é instável e mutável e depende do contexto geográfico e político de cada fronteira internacional.

A classificação de tipologia de relações fronteiriças dada por Oliveira (2009), denominadas de fronteiras distantes, protocolares, crespas e vibrantes nos permite observar as características relacionais existentes entre países fronteiriços, e se estes apresentam baixa ou alta integração, formal ou funcional.

Localizado na fronteira do Brasil com a Bolívia o município de Corumbá foi fundado em 21 de setembro de 1778 na tentativa dos portugueses de impedir o avanço dos espanhóis pela fronteira brasileira, estes que também estavam em busca das riquezas que essa região possuía na época.

Conforme Esselin (2000), a posse dessa região às margens do rio Paraguai dava aos portugueses a possibilidade de defesa aos ataques dos inimigos. Cabe ressaltar que a cidade também foi porta de entrada de grandes capitais estrangeiros em razão da localização geográfica. Ainda, segundo o autor, convém elucidar que a consolidação da força lusa nessa região ocorreu no governo de Luiz de Albuquerque com a construção do forte Príncipe da Beira no Guaporé, e forte Coimbra, garantindo acesso ao litoral. Na atualidade Corumbá é reconhecido como a capital do pantanal sul-mato-grossense, pois é a porta de entrada do bioma mais importante em área úmidas da América do Sul e seus fluxos turísticos impulsionam o desenvolvimento econômico da região. O município é também ponto de parada da ligação ferroviária entre o Brasil e a Bolívia

No período da guerra do Paraguai essa região foi destruída pelas tropas de Solano Lopez, em 1865. Com o fim da guerra e a retomada de Corumbá em 1867, voltou a ser reconstruída iniciando um processo de desenvolvimento que levou o município a ser o terceiro maior porto da América Latina, conforme figura 2, situação mantida até 1930.

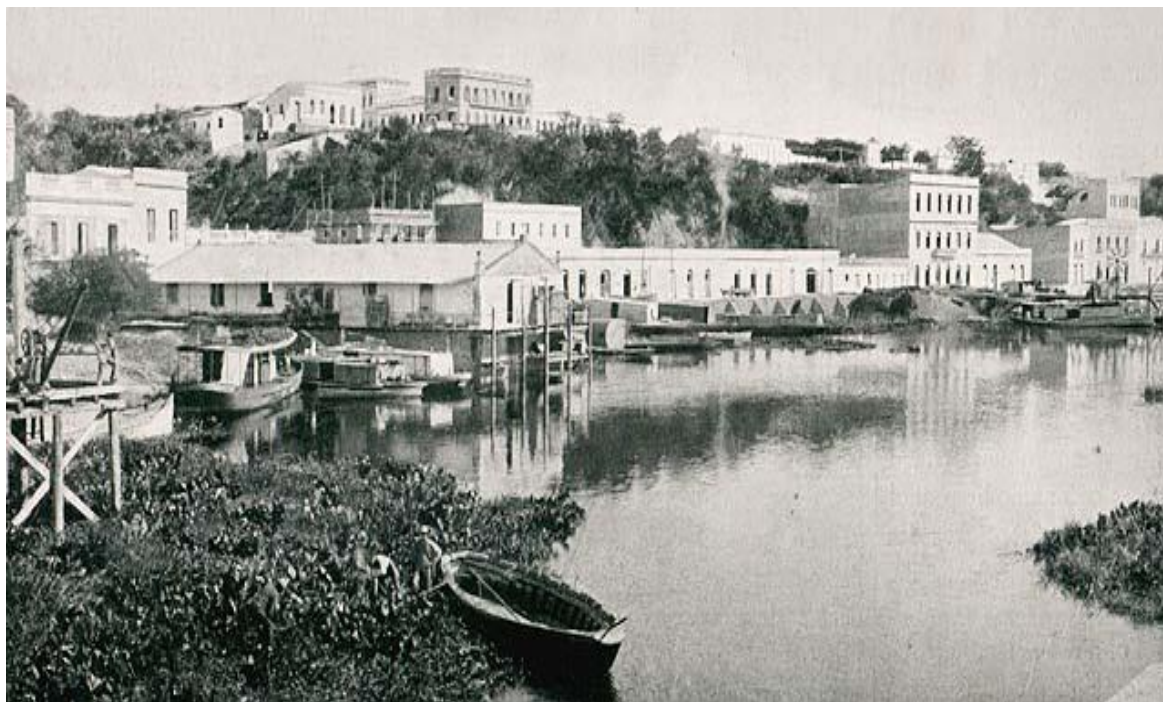


Figura 2 – Vista panorâmica do Porto Geral no século XX

Fonte:Disponível em: <http://www.corumba.com.br/> capturada em: 05/04/2010

Atualmente essa localidade apresenta um grande fluxo de turistas. Ao atravessarmos essa fronteira, o primeiro contato em território boliviano se dá em Arroyo Concepción⁵, é o local mais visitado devido à ferinha de roupas. Depois passa-se por Puerto Quijarro para depois de alguns quilômetros chegar-se a Puerto Suárez, ou seja, o contato com esta região não é direta dentro da província de Germán Busch, mas por questão de identificação geográfica é citada, pois é a única cidade que aparece no mapa na fronteira com Corumbá. É fácil o acesso a esse local, visto que, há ônibus de transporte coletivo que vai até a fronteira de hora em hora facilitando o intercâmbio entre brasileiros e bolivianos.

Observamos que é intenso o contato comercial entre brasileiros e bolivianos, mas vale destacar, conforme mostramos nesta pesquisa, amparados no parecer dos estudantes, o fator preponderante que aproximam os brasileiros dos bolivianos é o interesse comercial, e a feirinha central é esse grande atrativo dos interesses de turistas de todo o Brasil nessa localidade.

⁵ Localizada na província de Germán Bush, Arroyo representa o centro comercial do vestuário nesta região e recebe turistas e sacoleiros de todo o Brasil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O embasamento teórico e metodológico desta investigação está amparado na pesquisa sociolinguística interacionista e variacionista. Na perspectiva interacionista porque preconiza análises em nível micro e macro de práticas interacionais, em diferentes contextos como empresas, família, escola e ainda abrange o estudo da relação enunciado/enunciação em diferentes práticas discursivas sejam orais ou escritas. Já na perspectiva variacionista nos permite descrever e analisar a heterogeneidade linguística de forma ordenada, visto que estuda a língua em uso, de dada comunidade linguística e preconiza que as pressões sociais operam continuamente sobre a língua acarretando na variação.

Em linhas gerais, entre os componentes deste estudo, serão considerados teorias fundamentais à pesquisa referentes ao conceito de fronteira, tendo em vista o trabalho em estudos fronteiriços, apresentamos contribuições de Raffestin (1993), que conceitua limite e fronteira enfocando os diferentes significados que a linha de fronteira adquire relacionada com suas funções políticas. Este ponto já foi contextualizado anteriormente.

A fundamentação em pressupostos teóricos da Sociolinguística, para esta investigação é relevante, visto que descreverá fenômenos linguísticos à luz da teoria de autores da área, como Fernando Tarallo, José Pedro Rona, pioneiro em designar a prática linguística na fronteira Brasil /Uruguai em sua obra *Dialecto fronterizo en el Norte de Uruguay* (1965), William Labov e Jean Calvet, que aborda os empréstimos e as interferências linguísticas resultantes da introdução de elementos estrangeiros.

Para os enfoques de línguas em contato, contribuíram nesta contextualização, os estudos de Jorge Espiga e Elizaincín que discutem o contato do espanhol e do português nas fronteiras políticas, culturais e linguísticas, e os estudos de Eliana Sturza, que, como já foi citado, possui uma ampla análise das práticas de línguas de fronteiras e políticas linguísticas, a partir de estudos realizados na fronteira com o Uruguai e discute em sua tese de Doutorado sobre o cruzamento de línguas nas zonas de fronteiras concluindo que nesses espaços de enunciação não há somente uma língua nacional, uma língua materna ou uma segunda língua, porque nesse contato de vizinhança espacial todas podem ser denominadas línguas de fronteiras.

Os estudos sociolinguísticos no Brasil apresentam resultados cada vez mais significativos em diversos aspectos que envolvem a língua. Esse termo consolidou-se em 1964, com Willian Labov que propôs o modelo de estudo da sociolinguística Varacionista ou

teoria da variação. Esta proposta teve um papel fundamental na investigação das diversidades linguísticas, pois leva em consideração, variável social e contextual para explicar o comportamento linguístico de grupos sociais distintos.

Um dos primeiros pesquisadores a tentar classificar o conteúdo e alcance da sociolinguística foi Bright *apud* (FONSECA, 1974), conforme o autor essa teoria leva em consideração o fator diversidade:

A tarefa da sociolinguística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção [...]. No entanto, apesar de derivarem muito de sua abordagem da linguística estrutural, os sociolinguístas rompem incisivamente com uma tendência linguística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes homogêneas ou monolíticas em sua estrutura; sob este ponto de vista, que vem sendo reconhecido atualmente como, pernicioso, as diferenças encontradas nos hábitos da fala de uma comunidade eram encobertas como ‘variação livre’. Uma das maiores tarefas da sociolinguística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é livre, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas. Neste aspecto e em outros ainda mais latos, é precisamente a DIVERSIDADE linguística o objeto de estudo da sociolinguística. (p.17-18)

As dimensões apresentadas por Bright conforme Fonseca é de grande importância teórica para a discussão das mudanças linguísticas. Nessa mesma linha Monteiro afirma que apesar das imprecisões conceituais, os fenômenos linguísticos analisados sob diferentes perspectivas, passaram a ser classificados como sociolinguísticos com área de macro e micro compreensão. A área macro desse estudo analisa as relações entre língua e sociedade como um todo, constituindo uma área sociológica e política, discute multilinguismo e políticas linguísticas que um governo pode adotar. A área micro analisa as estruturas linguísticas no que tange à teoria da variação e seus efeitos condicionados a fatores sociais. (MONTEIRO, 2002). Porém, pela extensão dos conceitos atribuídos à sociolinguística não foi possível uma delimitação precisa do que deve ou não fazer parte dos estudos sociolinguísticos.

O trabalho de Labov sobre os estudos da linguagem apesar de sofrer críticas sobre seu conceito de **social** na perspectiva da sociolinguística interacionista é amplamente reconhecida.(grifo nosso)

Numa outra concepção, sobre a língua funcionar como um elemento de interação entre o individuo e sociedade nos diz Preti (1982, p.2) :

Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social, que compreende, não só as relações diárias entre os membros da comunidade, como também uma atividade intelectual, que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa, até a vida cultural, científica ou literária.

Grosso modo, pode-se afirmar que uma das tarefas da sociolinguística é descrever as línguas em sua diversidade funcional e social através do registro de dados. Essa opção de pesquisa propõe a análise de grupos de indivíduos observando-se os aspectos sociais que interferem na fala. Nesse sentido, Preti (1982, p.2) nos afirma que “o vernáculo é propriedade de um grupo, não de um indivíduo sozinho.”, desta forma o investigador deve se preocupar em descrever uma variedade linguística sem esquecer de considerar, onde e como se delimitam as fronteiras dessa variedade ou mudança na língua.

Nesse contexto, Hora (2003, p. 72-73) afirma que nas últimas décadas os estudos sobre os aspectos sociolinguísticos cresceram gradativamente:

A década de 60 presenciou o aparecimento da primeira proposta concreta para tratar a questão da variação e mudança na língua, com o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Ao apresentar e discutir a proposta, os autores levantaram algumas questões, parcialmente ordenadas, que uma teoria de base empírica deveria dar conta. Tais questões dizem respeito às restrições, à transição, ao empréstimo e à avaliação. Respondendo a essas questões, uma quinta e básica surge, formulada como uma pergunta: que fatores são considerados na implementação de uma mudança? Por que as mudanças em um traço estrutural ocorrem em uma língua específica em um determinado tempo, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros tempos?

Como se vê, os estudos sociolinguísticos são abrangentes e surgiu para contrapor-se à concepção homogeneizante da língua, tentando provar a premissa de que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana, assim, seria a ausência de variação no sistema que necessitaria ser explicitado.

Os modelos teóricos que não consideram a variação ou mudança linguística entendem que ela é apenas um acidente e não uma característica das línguas em constante evolução. Essa concepção foi a base de muitas divergências entre muitos pesquisadores como o mecanicismo de Bloomfield, o gerativismo de Chomsky entre outros. (Monteiro, 2002).

Convém detalhar, conceitos sobre variáveis e variantes linguísticas, pois abrangem alguns aspectos desta investigação. Segundo Labov, variável linguística se constitui quando se transmite um conteúdo informativo de duas ou mais formas distintas. Já as formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de variantes linguísticas. Segundo o autor somente pode ser atribuído valores sociais às regras linguísticas quando existe variação.

Para os sociolinguístas, de uma forma geral, a conceituação de variável linguística se estabelece quando duas ou mais variantes apresentam o mesmo significado, pressupondo-se dizer o mesmo, de modos diferentes, aplicável sem dificuldades a variáveis fonológicas. Mas

no que tange às variações morfossintáticas apresenta dificuldades, visto que a própria hipótese de uma variação sintática é problemática.

Diante desses obstáculos, a aplicação do modelo variacionista mesmo com todas as divergências, é uma linha de pesquisa importante para a descrição linguística. Porém, há sociolinguistas que não vêem grandes dificuldades na sua aplicação.

Para esta pesquisa amparada nas contribuições de Labov, sobre a estrutura, forma e organização da linguagem, utilizamos o método descrito por Tarallo (1986), pois resume todos os procedimentos da pesquisa sociolinguística.

Considerar esses aportes teóricos foi de suma importância para revelarmos as práticas linguísticas existentes nesta fronteira estudada. Descobrir o que este espaço discursivo apresenta de diferente das fronteiras já estudadas, foi uma constante em nossa análise. Será que há algum fenômeno linguístico típico dessa região a exemplo do dialeto não normatizado conhecido como portunhol ou uma possível interlíngua que serve como língua-ponte baseada no vocabulário comum compartilhada por dois ou mais idiomas? Nessa relação haverá conflito ou integração? São questionamentos que fizemos no decorrer de toda a pesquisa, somado às questões elencadas nos objetivos, encontramos algumas respostas para estas indagações que serão apresentadas no resultado das análises de dados.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados nesta investigação, cabe enfatizar que a sociolinguística sendo uma ciência social apresenta uma singularidade, visto que tem uma teoria e um método próprio de pesquisa no processo de investigação científica. Esse modelo teórico-metodológico parte do fato linguístico, com acervo de dados para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses sobre a língua, levantando novas hipóteses. (TARALLO, 1986).

Nesta investigação levantamos a hipótese de que haja indícios de pouca interação linguística entre os habitantes desta região, visto que, inicialmente tivemos essa intenção e a partir desse indício detectar uma possível influência ou interferência de uma língua sobre a outra. Mas o que observamos nesse contato, e é o que parece, em que os bolivianos entendem e falam um pouco o português, e os brasileiros não se esforçam para falar o espanhol e entendem pouco. Outra inquietação refere-se à realidade socioeconômica da Bolívia que parece interferir no interesse pela aprendizagem da língua espanhola e promover um sentimento de preconceito no contato com bolivianos (afirmações ratificadas no último capítulo).

Para respaldar nossas perquisições científicas utilizamos o método de pesquisa de campo em sociolinguística, (conforme explicado) e para análise dos dados coletados

pontuamos as ações e situações encontradas no lócus escolar. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, ordenamos nossa investigação de acordo a alguns pontos básicos importantes na pesquisa de campo, nesse sentido, o método da sociolinguística perpassa os seguintes passos: 1º Definição de terminologia; 2º definição de objetivos, classificação; 3º delinear área de observação. 4º escolha criteriosa de público alvo; 5º elaboração de testes adequados com módulos ou questionários; 6º equipamento de gravação apropriado; 7º planejamento preliminar do estudo. Estes passos servem como base no procedimento para coletar dados linguísticos adequados ao foco de nossa pesquisa, que foram delimitadas da seguinte forma:

Área de observação:

Duas escolas da rede estadual e duas escolas da rede particular;

Participantes da pesquisa:

Alunos de 1º 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Instrumentos de coleta de dados e amostra probabilística:

Questionários semi-estruturados e roteiro de entrevistas,

Método para coleta de entrevistas com narrativas enfocadas nas línguas em contato:

Observador-participante – favorece um contato mais espontâneo entre observador e observado

Encontro com sessão de grupos – interação coletiva -ajuda a minimizar a influência do pesquisador sobre os sujeitos da pesquisa, pois permite uma interação coletiva entre os interlocutores.

Organização dos informantes em grupo socioeconômico: Escola pública, escola particular, sexo e faixa etária (grifo nosso):

Grupo1 – estudantes das escolas públicas

Grupo 2 - estudantes das escolas particulares

Sexo M – masculino

Sexo F – feminino

Faixa etária: 1- 14 a 18 anos

Faixa etária: 2- 19 a 30 anos

Legenda utilizada para a identificação do informante (grifo nosso):

I-1: referindo-se ao informante um (com os demais mudando apenas a numeração)

M: referência ao sexo masculino

F: : referência ao sexo feminino

G1: referindo-se a aluno de escola pública

G2: referindo-se a aluno de escola particular

FE1: referência à faixa etária de 14 a 18 anos

FE2: referência à faixa etária de 19 a 30 anos

Combinações possíveis (grifo nosso):

I1/M/G1/ informante do sexo masculino de escola pública

I1/F/G1/ informante do sexo feminino de escola pública

I1/M/G2/ informante do sexo masculino de escola particular

I1/F/G2/ informante do sexo feminino de escola particular

Conforme orienta Tarallo (1986), na seleção dos informantes é imprescindível uma reflexão cuidadosa sobre o critério de classificação em grupos socioeconômicos e faixa etária a ser escolhida da comunidade a ser enfocada, tais escolhas devem considerar aspectos que possam ser mais significativas para atingir os objetivos da pesquisa, as amostragens coletada abrangem informantes de várias idades, optamos por analisar todos os informantes de 14 a 30 anos, pois as possíveis mudanças linguísticas em situação de contato com outra língua pode ocorrer em função da idade, sexo e escolaridade.

Dados coletados conforme ilustrado e organizado nas tabelas a seguir:

COLETA DE DADOS - QUESTIONÁRIO			
ESCOLAS PÚBLICAS	ENSINO MÉDIO	SEXO	TOTAL
Dr. João Leite de Barros	1º/ 2º/ 3º	16 - masculino 19 – feminino	35
Octacílio Faustino	1º/ 2º/ 3º	11- masculino 12 – feminino	23
ESCOLAS PARTICULARES	ENSINO MÉDIO	SEXO	TOTAL
Sesi	1º/ 2º/ 3º	16 - masculino 16 – feminino	32
Tenir	1º/ 2º/ 3º	11 - masculino 09 – feminino	20
		INFORMANTES	110

Quadro 1 – Coleta de dados Questionários

COLETA DE DADOS - ENTREVISTAS			
ESCOLAS PÚBLICAS	ENSINO MÉDIO	SEXO	TOTAL
Octacílio Faustino	1º/ 2º/ 3º	11- masculino 07- feminino	18
ESCOLAS PARTICULARES	ENSINO MÉDIO	SEXO	TOTAL
Sesi	1º/ 2º/ 3º	08- masculino 10- feminino	18
		INFORMANTES	36

Quadro 2 – Coleta de dados Entrevistas

Cabe elucidar que, esta pesquisa por ser de natureza qualitativa, alguns tópicos do método de entrevista na coleta de narrativas foram adaptadas, tendo em vista que, a investigação está amparada no Método da Sociolinguística interacionista/variacionista a sistematização foi aliada à observação, interpretação e descrição dos dados coletados. Assim, as amostras foram estratificadas de acordo com as características sociais dos falantes do português e das escolas em que estes estudam. Por essa razão, foram selecionadas quatro

escolas sendo duas privadas e duas públicas sendo elas: Escola Estadual Dr. João Leite de Barros; Escola Octacílio Faustino da Silva, Escola Tenir e Escola SESI. Nestas escolas houve uma boa comunicação e recepção desta pesquisadora com a direção e coordenação.

2.1 A coleta de dados

O questionário elaborado para o registro de dados escritos desta pesquisa apresenta os dados de identificação do informante e os seguintes questionamentos em relação ao espanhol:

1. O que acha do idioma (tem vontade de aprender)
2. Considera importante aprender a língua do país vizinho (por quê?)
3. Fala e usa o idioma em alguma situação (quais?)
4. O que sabe sobre a lei 11.161/05. Considera importante?
5. Caso tivesse que optar entre o inglês e o espanhol, que idioma escolheria para estudar (por quê?)

Em relação à Bolívia:

1. O que você sabe sobre a Bolívia?
2. Quais as impressões sobre os bolivianos. Tem amigos bolivianos?
3. Tem interesse em conhecer a cultura boliviana
4. Quais suas impressões sobre a relação de brasileiros e bolivianos?

Para a segunda etapa desta coleta, no sentido de registrar a língua em uso, formulamos um roteiro de entrevistas contendo questionamentos referentes às impressões sobre a relação entre brasileiros e bolivianos nesta fronteira, seus conhecimentos sobre a cultura boliviana e os principais motivos que os levam ao outro lado da fronteira. (questionários em anexo).

Chegamos a elaborar outro roteiro de entrevistas direcionado aos gestores educacionais, para a terceira etapa desta pesquisa, no sentido de registrar as dificuldades que as escolas encontram para o cumprimento da lei nº 11.161/05 e verificar se estas têm algum levantamento sobre o quantitativo de alunos descendentes de bolivianos ou mesmo nativos que frequentam a escola, questionando se o Projeto Político Pedagógico dessas escolas faz referência ao tratamento de estudante boliviano, mas nos primeiros contatos percebemos certa resistência dos gestores educacionais em esclarecer ou se posicionarem quanto ao teor dos questionamentos feitos nesse roteiro. Por essa razão não fizemos esse levantamento.

Para esta amostra foram aplicados 110 questionários entre alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, cabe salientar que na Escola João Leite de Barros os questionários foram distribuídos entre alunos do ensino médio regular rural e urbana e ensino de jovens e adultos. Desse total, 52 foram aplicados nas escolas particulares e 58 nas escolas públicas. Cabe ressaltar que a decisão de participação era voluntária do aluno, por essa razão a divisão de quantitativo de questionários não foi igual entre os grupos. A princípio tivemos, a intenção de aplicar 30 questionários em cada escola, mas não foi possível, pois dependia desse interesse individual dos estudantes.

Após essa etapa, pretendíamos entrevistar ao menos 50% dos alunos que responderam o questionário. Com a finalidade de medir o grau de interação com possível influência ou interferência do espanhol no português falado pelos estudantes brasileiros e identificar variáveis e variantes linguísticas do léxico espanhol incorporadas na fala, iniciamos a entrevista em uma escola pública e outra particular. A entrevista foi realizada em sessão coletiva. Esse procedimento de entrevista em grupo não foi opcional da pesquisadora, na verdade foi a forma encontrada pela coordenação para liberar os alunos sem prejudicar o andamento escolar.

Na escola Otacílio, por exemplo, a liberação dos alunos para a entrevista deu-se de forma semanal, num dia foram entrevistados os alunos do segundo ano, na outra semana os alunos do terceiro ano e assim sucessivamente. Já na escola SESI, para a aplicação de questionários, a direção orientou que passássemos em cada turma para explicar a importância da pesquisa e convidá-los a participar. A liberação para a entrevista ocorreu em apenas uma manhã para não comprometer as atividades escolares.

Na escola Tenir a própria direção encarregou-se de aplicar os questionários dando aos alunos o prazo de uma semana para entregarem os questionários devidamente respondidos.

Nesta jornada, deparamo-nos por muitas vezes com situações adversas que postergavam o término da nossa investigação. Reunião extraordinária, aula reduzida, atividades extraclasse, licença médica envolvendo coordenação que acompanhava a pesquisadora, entre outros acontecimentos, que no final foram positivas, visto que resultou num contato maior com a escola e consequentemente com os estudantes, facilitando o processo de coleta.

Depois de uma pré-análise das entrevistas já coletadas, observamos que devida à grande recorrência de respostas negativas ao que se pretendia encontrar sobre variáveis e variantes linguísticas, do léxico espanhol incorporadas na fala desses estudantes, decidimos

que não haveria mais necessidade de dar continuidade às entrevistas nas escolas seguintes conforme esclarecimentos a seguir:

Observamos que a inserção da língua espanhola na fala dos estudantes é muito reduzida, eles não costumam praticar o idioma e também não se esforçam muito em tentar falar em espanhol. Os estudantes entrevistados sabem apenas frases soltas: *Hola como le va, Pero que si, pero que no, Gracias por su compra, Cuánto custa, Cuánto sale esto.*

Somente os estudantes descendentes conseguem falar um pouco mais que frases soltas. Entre esses descendentes, nos foi relatado que não há o costume de se falar o idioma de origem em casa conforme relato os pais preferem comunicar-se em português. Chegamos a essa conclusão porque o questionário também já continha alguns questionamentos sobre o espanhol em contexto de comunicação, em que observamos que não há variantes incorporadas na fala dos estudantes, visto que eles não praticam a língua por não sentirem necessidade.

Terminada essa etapa, passamos para a fase de organização, processamento e a análise de todos os dados coletados nesta pesquisa. Acreditamos que o resultado apresentado no próximo capítulo, poderá esclarecer algumas incógnitas sobre as línguas em contato nesta fronteira, e por outro lado destacar os aspectos da não interação linguística nessa relação.

2.2. A linguagem na fronteira: abordagem sobre línguas em contato

A língua possui a função de estabelecer contatos sociais além de transmitir informações sobre o falante. Nesse sentido, todo o sistema de símbolos que permite a comunicação entre os indivíduos, ou seja, tudo que nos cerca e é capaz de transmitir informações sobre o mundo e a cultura, podemos chamar de linguagem.

Conforme Jakobson (1995) na teoria da linguagem, a palavra fora do contexto não tem significado, vários aspectos da linguagem ocorrem enquanto ato e evolução, estado nascente e dissolução. Segundo o autor, uma interpretação nova foi dada à essência da linguagem por Ferdinand Saussure, que conceituou a língua como um sistema de signos composta por um significante e um significado, o primeiro definido como imagem acústica e o segundo representa o conceito e a ideia que se faz da imagem, esse sistema de signos é formado por palavras e regras que permitem o exercício da linguagem verbal. Saussure ao conceituar e diferenciar língua e fala, compara a língua a um dicionário cujos exemplares idênticos são distribuídos entre os indivíduos. Cada falante escolhe na língua os meios de expressão de que

necessita para comunicar-se, confere-lhe natureza material, produzindo-se assim a fala. A fala, de aplicação momentânea, é fruto da necessidade psicológica de comunicação e expressão, porque é a realização individual da língua. Qualquer palavra para incorporar-se à língua precisa ser codificada.

A inter-relação entre língua e sociedade reflete os padrões de comportamento dos falantes, que variam em função do tempo e do espaço que ocupam. Nesse sentido, os espaços fronteiriços apresentam grandes diversidades culturais que podem ser evidenciados através de investigações sobre a heterogeneidade do contato linguístico (MONTEIRO, 2002).

O cerne das discussões para a descrição e a definição do fenômeno do contato linguístico apresenta algumas contradições devido à sua indefinição teórica. Investigações acerca do tema, realizadas sob diferentes enfoques, se apresentam como contribuições isoladas, (ELIZAICÍN, 2008, p. 409). Para este autor o contato de línguas não se dá de forma isolada do contato cultural:

E os contatos massivos possam sê-lo por diferentes razões; todas elas supõem, entretanto, deslocamento de fortes contingentes populacionais de um lugar a outro deste planeta. Dois casos bem diferenciados são o da conquista militar de um povo sobre outro, com a consequente etapa posterior de dominação e colonização; e aqueles de movimentos populacionais impulsionados por razões econômicas (um tipo) ou políticas (outro tipo, diferente). Numa e noutra modalidade pode se achar variantes. *Hic et nunc* parecem mais decisivos e protagonistas os deslocamentos pacíficos de importantes setores de população. Por essa via promove-se o contato cultural e, em consequência, o lingüístico.

No que se refere às línguas em contato, as considerações de Elizaicin são esclarecedoras, visto que o autor enumera algumas questões relevantes sobre o tema e postula que, por meio do contato linguístico os povos se aproximam de outros de língua e culturas diferentes e consequentemente acabam mantendo relações interculturais. Ainda nesse contexto, acrescenta que os tipos de contato acontecem ou com línguas próximas ou com línguas diferentes. Nesse sentido, os contatos entre o português/espanhol representariam o encontro de línguas próximas, e o contato de guarani/espanhol, a título de exemplo, seria o de línguas diferentes, esses processos linguísticos ocorrem independentes do poder das línguas em contato. Segundo o autor, o contato provoca a variação, pois neste encontro de duas tradições diferentes que podem ou não ter a mesma língua, ocorre em maior ou menor grau a interferência provocada por transferência ou empréstimos linguísticos. Nesse sentido pressupõe-se que todo o contato suscita mudança ou variação.

Referimo-nos à língua como instrumento de poder, seguindo a linha de proposta interdisciplinar que foi levantada por Souza (1990), que entendeu a linguagem como uma

poderosa arma ideológica, nos diz que, a difusão de uma língua sempre foi imposta como forma de dominação e homogeneização cultural de povos díspares. E argumenta que a escola tem se mostrado ativamente no sentido de atender a esses interesses do poder dominante, ajudando a difundir e a fixar a língua nacional do colonizador

Nessa perspectiva, Bordieu (2009) afirma que o poder se manifesta por meio de sistemas simbólicos como a arte, a religião, a língua, e são instrumentos que emergem com legítima imposição, contribuindo para a dominação vigente.

As investigações linguísticas baseadas nos estudos de línguas em contato se concentraram na descoberta de interferências entre duas línguas **puras**, vários fazem distinção entre o contexto de aquisição natural e o contexto de aquisição escolar de crianças bilíngües, em comparação as monolíngües Weinreich (1953). (grifo nosso)

Outra questão importante a ser considerada é o papel que os movimentos migratórios desempenham na relação de contato. Estes ocorrem no seio na sociedade receptora, sendo que esses contatos se apresentam de forma e condições diferenciadas em cada região de fronteira.

Segundo Sturza (2006), a linguística fronteira abarca pesquisas embasadas teoricamente na geografia linguística e na sociolinguística:

Como um novo espaço nas ciências da linguagem, a Linguística Fronteira funda uma discursividade sobre as línguas em contato. A continuidade e a regularidade das pesquisas vão construindo um modo de dizer sobre as línguas da fronteira, que apresenta como discurso acadêmico fundador o *Dialecto Fronterizo en el Norte del Uruguay*, trabalho pioneiro de José Pedro Rona, de 1965.

Os estudos acadêmicos, conforme a autora, possibilitam um novo olhar sobre as línguas de fronteiras. Nas interações linguísticas fronteiriças percebe-se que o contato intercultural ocorre de forma heterogênea em cada espaço. Como exemplo cita-se a interação linguística existente em outras fronteiras do Brasil com países hispanofalante. Sintetizando exemplificamos outras regiões fronteiriças como Brasil e Uruguai, onde as cidades se correspondem, em ambos os lados da fronteira, Sant’Ana do Livramento no Rio grande do Sul, – Rivera no Uruguai, Sant’Ana é conhecida como cidade símbolo da integração brasileira.

Outro exemplo importante que temos referente a esse contexto acontece na fronteira do Brasil com o Paraguai. Na situação linguística paraguaia sempre houve resistência da língua nativa, durante todo o processo histórico de colonização até tornar-se república paraguaia. Nesse país o espanhol não conseguiu tornar majoritária apenas a língua do colonizador, pois houve resistência da cultura indígena. O idioma guarani foi força de união e

arma secreta de comunicação nos campos de batalha no período da guerra. Os contatos entre o português, o espanhol e o guarani nessa fronteira produzem separações, mesclas e disputas em torno da legitimação da língua, (ALBUQUERQUE, 2006).

O Paraguai se tornou oficialmente um país bilíngüe e o único Estado latino americano a reconhecer o estatuto de idioma nacional para uma língua de herança indígena. Esse idioma é visto pela maioria dos paraguaios como a expressão máxima da nacionalidade. Mas para determinados setores dominantes da sociedade paraguaia, o guarani é considerado língua de índio ou “coisa de camponês”. Essa região que não está livre de preconceitos, evidentemente apresenta grande interação linguística

Na fronteira Brasil-Argentina entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul todos os meios de informação e sinalização são feitas em português e espanhol, conforme figura 3, nessa região é grande o número de turistas argentinos e há grande integração entre brasileiros e estrangeiros. Percebe-se que há interesse em aprender a língua do outro.

Em especial no que tange ao comércio, no Estado de Santa Catarina os atendentes brasileiros comunicam-se em espanhol com os clientes hispanofalante sem dificuldades maiores. O fluxo de turistas argentinos é tão intenso que em algumas localidades desse Estado, tem-se a impressão de que não se está no Brasil.



Figura – 3 Comércio Catarinense
Fonte: RIVAS (2011)

Outra situação a ser considerada é o o fenómeno linguístico que surgiu em algumas regiões devido ao contato contínuo e direto entre os habitantes das fronteiras do Brasil com os demais países sul-americanos, esse fenómeno é conhecido como portunhol, que é o resultado da mistura dessas línguas praticadas por seus habitantes como uma língua intermediária, de comunicação imediata.

A mistura de línguas é nominada por Sturza (2006), como **Línguas de fronteiras** que designa-se ao cruzamento das línguas português e espanhol nas zonas de fronteiras. (grifo nosso)

No que concerne às práticas linguísticas há muitos estudos em outras regiões fronteiriças, como a obra considerada pioneira de José Pedro Rona (1965) *Dialecto Fronterizo en el Norte del Uruguay*, nos últimos 50 anos esta região tornou-se foco de várias pesquisas linguísticas, principalmente por interesses políticos do governo uruguaio.

Conforme estudo feito por Sturza (2006) sobre **Línguas de fronteiras e políticas de línguas** a fronteira precisa ser vislumbrada como um espaço de contato em que se tocam culturas, etnias, línguas e nações. (grifo nosso)

A região estudada por Rona, por exemplo, apresentava uma inserção hegemônica da língua portuguesa no norte uruguaio, por essa razão, esse fato suscitou diversos projetos de ação político – linguística, entre eles, o de contenção da língua portuguesa, esta ação governamental foi tratada pelos gestores políticos como **problema fronterizo**:(grifo nosso)

Considero que o espaço de enunciação fronteiriço projeta um modelo de distribuição das línguas da fronteira, que pode ser visto a partir tanto da perspectiva do falante como da do pesquisador. Em ambos os casos, o que sobressai é que as línguas são reguladas por um jogo de poder e de domínio determinado pelo fator político (STURZA, 2006, p. 22)

Dado esse panorama, conclui-se que as regiões fronteiriças apresentam contextos e práticas linguísticas diferenciados na relação entre seus habitantes. Dentro dessa perspectiva definimos nesta investigação os elementos diferenciadores que foram encontrados na interação linguística escolar de Corumbá.

2.3 Espanhol e português na fronteira Brasil/Bolívia

A língua espanhola está em contato com a língua portuguesa em grande parte da extensão territorial do Brasil e no contexto sul-mato-grossense tem contato com dois países –

Bolívia e Paraguai. Essa proximidade geográfica propicia o convívio direto entre os habitantes devido ao contato maior que se tem com hispanofalante nessa região, ambas são duas línguas românicas que apresentam uma aparente similaridade favorecendo a comunicação entre os habitantes desses países.

No que se refere á estrutura da língua, os paradigmas são muito semelhantes aos do português, mas ocorrem muitas mudanças na nomenclatura e na fonética.

Historicamente o ensino da língua espanhola surgiu no âmbito escolar brasileiro em meados do século XIX. Em meados da década de 40, na região sul do país a língua espanhola foi adotada em substituição ao alemão e desta forma foi se incorporando gradativamente aos cursos secundários da época. Na década de 60 houve um acordo do governo brasileiro com o governo norte americano que estabeleceu novas diretrizes no ensino de línguas estrangeiras. Essa reforma passou a adotar o inglês oficialmente na grade curricular brasileira retirando as demais existentes como o espanhol, francês e Latim. Em crítica a essa reforma adotada pelo governo brasileiro Serrani (1988) afirma que: o Brasil adotou uma política monolíngüística no que se refere ao ensino da língua estrangeira e com isso o país cerceou o espaço que poderia ocupar também a língua espanhola já que o contato do Brasil com países hispanofalante é maioria, o que promoveria a aproximação destes povos.

[...] la imposición del gobierno de facto en Brasil (1964) se modificó La política para la pedagogía de lenguas, pasando de una posición plurilingüista a una monolingüista. Esta última estableció la obligatoriedad de la enseñanza de la lengua inglesa (casi con exclusividad) en las escuelas públicas brasileñas. (SERRANI, 1988 p.179)

A questão de maior embate sobre o ensino de língua estrangeira, é que não basta incluir o idioma na grade curricular, faz-se necessário um planejamento teórico-prático sem excluir a concepção histórico-social da linguagem, para que se promova a integração e não o distanciamento dos povos latino americanos, essa aproximação poderá ser favorecida por meio de uma proposta democrática no ensino de línguas estrangeiras.

Sobre Corumbá na fronteira Brasil/Bolívia, não se tem um estudo mais amplo sobre as manifestações e os fenômenos lingüísticos oriundas do contato entre as duas línguas já citadas. Podemos encontrar outra pesquisa dessa mesma fronteira envolvendo a região de Cobija (Pando/Bolivia) fronteira com Brasiléia (Acre/Brasil) apresentada por Lipski (2007) cita a falta de bibliografia sobre nossa região:

En varias áreas de Sudamérica existen comunidades de habla que combinan el español y el portugués. Estos lugares se ubican a lo largo de la frontera brasilera en contacto con países de habla española. Dentro del Brasil se habla exclusivamente el portugués, sin matices del español. Sucede algo distinto

en varios países de habla española, donde por razones tanto históricas como contemporáneas se hablan variedades híbridas dentro de sus fronteras. En algunos países las zonas que limitan con Brasil no son de habla española, sino que predominan lenguas indígenas junto con variedades del español trasladadas de otros centros urbanos: tal es el caso, por ejemplo, de Colombia, Venezuela, y una gran parte del Perú y el Paraguay. Entre las regiones fronterizas de habla española la zona más conocida es la franja septentrional del Uruguay, donde se hablan unas variedades lingüísticas conocidas popularmente como *portuñol/portunhol* y entre lingüistas como dialectos *fronterizos* o *dialectos portugueses del Uruguay*. Menos conocida y todavía sin una bibliografía de estudios lingüísticos es la frontera suroccidental del Brasil, la frontera con Bolivia. (grifo do autor)

Nesse estudo o autor nos oferece uma descrição sobre o contato linguístico do português e espanhol naquela localidade. Segundo ele na Bolívia, Cobija é a capital de Pando e está situado sobre o Rio Acre, próxima à comunidade de Brasiléia do lado brasileiro. É uma zona de livre comércio que recebe muitos brasileiros devido aos baixos preços de produtos importados e nacionais. Segundo Lipski (2007), nessa localidade ouve-se mais o idioma português que o espanhol durante o horário comercial.

Conforme cita o autor, o português falado pelos comerciantes bolivianos apresenta algumas interferências, mas com bom domínio da língua, porém ressalta que esse domínio da segunda língua em contato restringe-se às transações comerciais. Cobija devido a sua localização geográfica, recebia emissoras de rádio e TV provenientes do Brasil, fato que os levaram a adquirir competência auditiva da língua portuguesa, visto que assistiam e ouviam diariamente transmissões brasileiras. Lipski (2007) enfatiza que,

El contacto de lenguas en las fronteras entre comunidades de habla puede resultar en una amplia gama de fenómenos lingüísticos, desde los préstamos ocasionales hasta el bilingüismo completo. Cuando las fronteras lingüísticas coinciden con fronteras internacionales la situación sociolingüística es más compleja, pues intervienen factores políticos y económicos que influyen sobre los movimientos demográficos, el acceso a los medios de comunicación y el sistema educativo, así como las relaciones históricas entre las naciones.

Ou seja, o contato de línguas de fronteiras pode resultar em vários fenômenos e empréstimos linguísticos, propiciando até mesmo um bilinguismo. Esse contexto reflete uma situação sociolingüística mais complexa, pois depende de fatores políticos e econômicos. Não vamos aprofundar esse contexto, pois não é o foco no momento, mas vale a título de ilustração e percepção de que mesmo em outra área de fronteira com a Bolívia a relação comercial também dita as regras de interação entre seus habitantes.

Em estudos iniciais desta pesquisa sobre as questões linguísticas, observou-se que há um interesse maior dos bolivianos em falar o português do que os brasileiros em falar o

espanhol. É uma situação intrigante no que tange ao contexto das línguas em contato e suscita estudos mais avançados para que se possa entender melhor essas atitudes linguísticas tomadas por brasileiros e bolivianos nesta fronteira. Assim, esta pesquisa pretende contribuir revelando informações que possam mostrar possíveis caminhos para entendermos o porquê desse comportamento lingüístico, por meio de dados extraídos do contexto escolar.

3. ASPECTOS DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS NESTA FRONTEIRA

A convivência entre identidades sociais e culturais distintas podem legitimar relações de preconceito, discriminação étnica e racial. Análises feita nos estudos culturais nos apresentam hipóteses de que as relações de poder e dominação existente entre as diferentes culturas devem ser questionadas para que seja realizada a:

Desconstrução não apenas daquelas formas de privilégio que beneficiam os homens, os brancos, a heterossexualidade e os donos de propriedades, mas também daquelas condições que têm impedido outras pessoas de falar em locais onde aqueles que são privilegiados em virtude do legado do poder colonial assumem a autoridade e as condições para a ação humana. (GIROUX, 1999, p. 39).

Neste contexto é importante abordar algumas considerações sobre cultura, pois este tema representa a expressão máxima da existência humana e é um elemento social que não se desenvolve individualmente. Além disso, seu conceito apresenta acepções diferenciadas dependendo da ótica em que é analisada e dependendo do ponto de vista Sociológico e Antropológico. Neste sentido, nos apropriamos das idéias de Gomes (2005) que aborda em seu artigo sobre **Cultura e Identidade**, a temática cultural no contexto da globalização. (grifo nosso).

A autora postula que a diversidade cultural é um mecanismo de resgate dos indivíduos às suas identidades locais, pois a cultura e a identidade são elementos que estabelecem redes de coesão social que podem perpassar políticas de desenvolvimento local.

Ao realizarmos este estudo com estudantes corumbaenses, pudemos constatar que há um número representativo de bolivianos morando em Corumbá. Já nos primeiros encontros com estudantes, notou-se que estes se ressentem do preconceito que os brasileiros tem por eles, expressos descaradamente nas relações interculturais. Alguns relataram que a tensão é maior no setor de imigração, no atendimento público de saúde e na convivência escolar. Esse sentimento desperta uma rejeição dos adolescentes descendentes de bolivianos às suas próprias origens, negando acintuosamente a sua ascendência. Uma parcela considerável de adolescentes descendentes de bolivianos não aceitam suas próprias origens, devido a esse tratamanto estigmatizado que eles recebem no lado brasileiro.

Para corroborar essa realidade citamos entrevista feita com o senhor Arturo Castedo Ardaya presidente do Centro Boliviano de Corumbá, órgão que procura desenvolver a integração de bolvianos que vivem aqui. Conforme o presidente desse órgão, os bolivianos

sentem-se discriminados e diminuídos nesta região porque apresentam traços diferentes na língua, no padrão de beleza e nas tradições culturais, e o brasileiro por desconhecer essas idiossincrasias, seja do índio *colla* que é do altiplano ou do *camba* que vem das regiões baixas, rejeitam seus costumes e tradições. (grifo nosso).

Por essa razão muitos bolivianos quando imigram pra essa região e sentem na pele essa diferença, acabam se diminuindo ao ponto de se aculturarem e não aceitam mais suas origens, alguns chegam a dizer que não são bolivianos. A essa afirmação o referido presidente do centro boliviano cita que há um discurso típico entre os jovens da **região yo no soy boliviano soy carioco**. (grifo nosso). Conforme o presidente, a não aceitação por parte de brasileiros dessa relação intercultural acarreta como consequência a dificuldade de auto-afirmação cultural e linguística do boliviano residente em Corumbá.

Para melhor compreensão e identificação dos aspectos culturais e etno-linguísticos que marcam os bolivianos, é importante saber a distinção entre *collas* e *cambas*, pois essas diferenças étnicas apresentam um antagonismo entre o oriente e ocidente boliviano. O termo *collas*, na atualidade, designa os bolivianos que vêm do altiplano aimaras e quíchuas, e os *cambas* são os membros das comunidades nativas das regiões baixas, em especial guaranis e chiquitanos (grifo nosso):

A pesquisa Encor permite determinar tanto características culturais individuais, tais como as línguas nativas praticadas, quanto a origem geográfica dos imigrantes. Assim, verifica-se que os principais grupos etno-linguísticos da Bolívia (quíchuas, aimaras, guaranis) são representados em Corumbá. Por outra parte, observa-se que as diferenciações linguísticas correspondem à segmentação mencionada entre regiões baixas e regiões altas. Nas Terras Baixas não há predomínio linguístico; já nas Terras Altas são importantes as participações de quíchua e aimara como línguas nativas faladas. (SOUCHAUD; BAENINGER 2008, p. 276)

Segundo os autores, a dinâmica urbana na fronteira tem que ser considerada pela estrutura social do país de origem e não só de destino, pois, como se vê, nesta fronteira a oposição de *collas* e *cambas*, do ponto de vista econômico, leva a difusão estigmatizante aos *collas* por parte dos *cambas*. (grifo nosso)

Vivenciamos essa realidade no contato com professores e estudantes da Universidade Autônoma René Moreno em Santa Cruz de la Sierra – Bolívia. Esse contato ocorreu em atividade de extensão universitária internacional organizada pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Câmpus Pantanal, realizada de 06 a 12 de julho de 2008. Neste intercâmbio constatamos que realmente há um certo distanciamento entre *collas* e *cambas*. (grifo nosso).

Há uma divisão ideológica, política e cultural entre esses grupos. Os mesmos faziam questão de enfatizar que havia diferenças entre eles. Mesmo em conversas informais com taxistas e feirantes ouvia-se os mesmos relatos de que um não respeitava a cultura do outro. Segundos estudos, essa oposição é histórica e geográfica:

O termo *collas* – que hoje existe na oposição aos *cambas* – deriva dessa distribuição e diferenciação histórica e pré-colombiana (BLANCHARD, 2005). Assim, o termo *colla* derivaria da palavra *collasuyo*, que designava um dos quatro setores (distritos) do Império Inca, o qual correspondia, grosso modo, à atual região andina da Bolívia. Hoje, a palavra *colla* designa os que são ou vêm do altiplano, isto é, os aimaras e quíchuas (BLANCHARD, 2005). Por contraste e na origem, os *cambas* são os membros das comunidades nativas das regiões baixas, principalmente guaranis e chiquitanos. Hoje, a oposição entre os dois termos cristaliza a profunda e violenta crise que o país vem atravessando. Ela define-se na base de elementos políticos e econômicos e se expressa num antagonismo entre o ocidente e o oriente, equivalente à oposição entre as regiões altas (andinas, altiplânicas) e baixas, ou seja, entre *cambas* e *collas* (BLANCHARD, 2005 *apud* SOUCHAUD; BAENINGER, 2008, p. 273).

Essa oposição na convivência entre *collas* e *cambas*, no município de Corumbá, parece não apresentar o mesmo grau de tensão como vista na Bolívia, mas não temos estudos específicos que comprovem tal situação. O que há é um estudo sobre *collas* e *cambas* no aspecto da imigração boliviana em Corumbá. (SOUCHAUD & BAENINGER, 2008 grifo nosso).

Retomando a questão do preconceito e discriminação, primeiramente vale destacar que, em A natureza do preconceito, o psicólogo norte-americano Allport (1954) apresenta duas dimensões que devem estar presentes numa abordagem e conceituação sobre preconceito, aportando-nos à atitude e a crença. Segundo ele tal ato origina-se na generalização errônea e na hostilidade. Nesse contexto, afirma que o prejulgamento é inerente à mente humana, no entanto reflete também possibilidades cognitivas do próprio sistema de valores pessoais do ser humano.

O autor pressupõe que a existência do preconceito expressa a rejeição verbal, a discriminação e o ataque físico. Essa afirmação vai ao encontro dos princípios de divisão do espaço geográfico conceituadas por Bourdieu (2009), e que terá enfoque maior nos capítulos finais deste trabalho, no entanto, o queremos destacar nessa divisão, e a imposição territorial numa região de fronteira legítima, as diferenças sociais aparecem e produzem entre seus habitantes, uma relação de poder simbólico em que a sobreposição econômica de uma cultura sobre a outra reforça a relação de preconceito e tem como consequência uma atitude discriminatória pela crença de que superioridade econômica impõe poder e dominação. Por

essa razão, consideramos importante refletir sobre situações encontradas no município de Corumbá, mostramos abaixo fotos que coletamos em fevereiro de 2010. Vimos que, em alguns prédios localizados na Avenida General Rondon, local de intensa movimentação, foram escritos dizeres que nos pareceu um forte indício de que a discriminação nesta fronteira pode ser mais conflitante do que traduz-se nos meios de comunicação. Nas fotos das figuras 4 e 5 as frases estão carregadas de aversão, “*fuera chollos*”, “*muro na fronteira*”, “*Mala educación*”, “*Fora Bolívia*“. Será pura brincadeira? Ou realmente é uma manifestação de preconceito a bolivianos? A situação econômica, a questão educacional ou o idioma deles pode interferir nessas ações discriminatórias?

Este fato nos faz querer questionar sobre que poderia realmente motivar esse tipo de atitude referente a bolivianos?

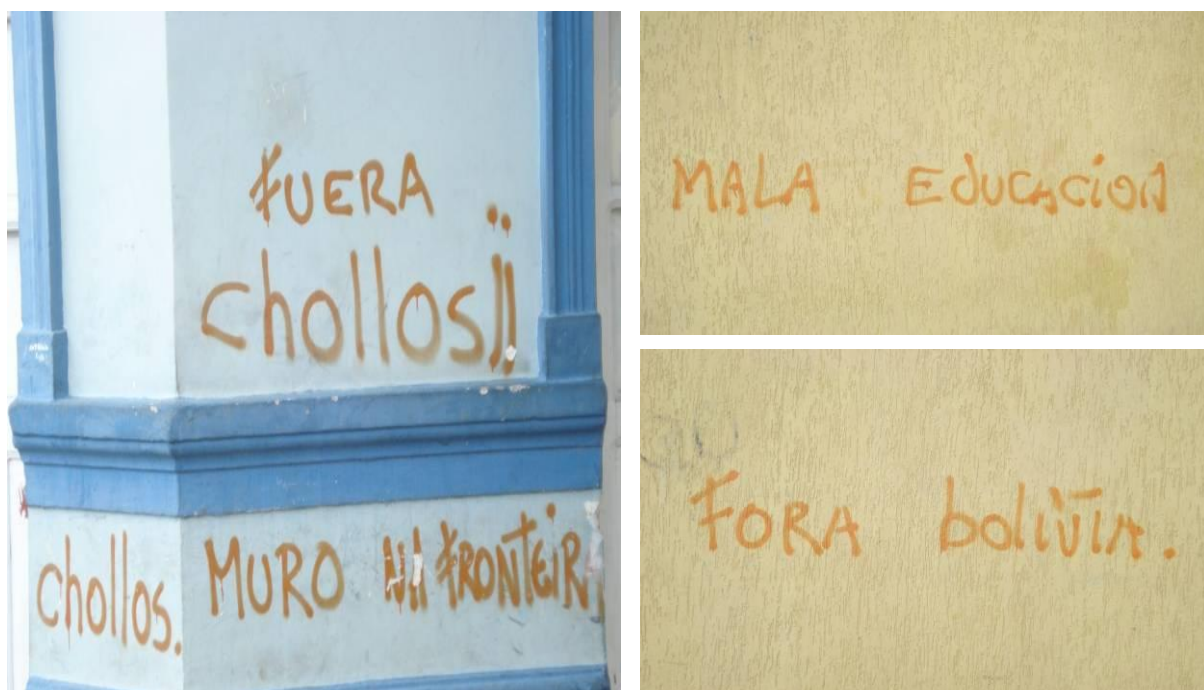


Figura: 4 – Prédio localizado na Avenida General Rondon
Fonte: RIVAS (2010)

Acreditamos que tal comportamento pode até ser isolado, mas precisa ser levada em consideração por tratar-se de uma situação muito delicada envolvendo questões étnicas numa região de fronteira.



Figura 5: Prédio localizado na Avenida General Rondon
Fonte: RIVAS (/2010)

Não sabemos se quem escreveu estes dizeres no prédio estava com a real intenção de discriminar, mas Cabe a nós, enquanto atores sociais da educação, discutir essas ações de intolerância, visto que a omissão nesse sentido não contribui para um bom convívio numa sociedade fronteiriça. Por essa razão, acreditamos que para extirpar tal ação devemos acionar as escolas, no sentido de que sejam discutidas entre os estudantes para propiciar uma educação sem fronteiras numa fronteira das diferenças étnicas culturais.

Conforme mostraremos nesta pesquisa a escola é o lugar em que essas ações podem se manifestar, assim, citamos aqui, uma resposta recorrente entre alguns dos alunos que foram entrevistados: *“a minha impressão, é que os brasileiros ignoram os bolivianos por terem hábitos diferentes dos nossos”*, (IMG1, 2010) Muitos dos alunos disseram já ter presenciado cenas de discriminação na sala de aula: *Eles são discriminados pelo motivo de agir e falar e são xingados de bolivianos de raça maldita.*

Os alunos afirmam sempre haver brincadeiras de mau gosto e em tom pejorativo em relação aos colegas bolivianos.

A figura 6 ilustra o contato com essa diversidade cultural no município de Corumbá. Aparentemente vive-se em plena harmonia com as diferenças étnicas que se entrecruzam

neste local, mas essas relações também apresentam choques etno-culturais conforme estamos constatando em nossa pesquisa.



Figura 6 –Vendedoras de artesanatos no Porto geral de Corumbá
Fonte: <http://www.corumba.com.br/> capturada em: 05/04/2010

Consoante a essa realidade, considera que nossos valores tradicionais estão diretamente ligados aos nossos traços étnicos e a apropriação espacial que ocupamos no território. Para que se tenha a dimensão desses atos discriminatórios, em pesquisa recente envolvendo a relação de estudantes paraguaios e brasileiros no que tange ao preconceito e discriminação, na fronteira Brasil/ Paraguai, Pereira (2009, p. 60) nos mostra que:

Outra constatação diz respeito aos preconceitos e à discriminação em relação aos paraguaios que estão em escolas brasileiras e são alvos de tratamentos diferenciados, expressos nas zombarias e nas chacotas, como os apelidos que recebem de ‘chipa’(semelhante ao tradicional pão de queijo) e ‘chipeiro’(quem vende a chipa). Essas relações tensas e conflitantes entre as diferentes etnias na fronteira foram por nós estudadas, embora muitos no dia a dia se tratem como ‘povos hermanos’.

Estas constatações sobre relação de preconceito e discriminação nas fronteiras Brasil/Paraguai e Brasil/Bolívia denotam a dificuldade de convivência com a diferença, pois quando nos deparamos com costumes que não condizem com os nossos consequentemente a discriminamos. Desta forma, muitas vezes o pré-conceito fica subjacente na pseudo-idéia de integração fraterna entre povos fronteiriços. Acreditamos que a opressão sofrida por atitudes

discriminatórias ou pejorativas aumentam a crise identitária e a negação às origens. Esse contexto interfere diretamente na relação de preconceito na fronteira como afirma Alves (2003, p. 20):

O senso comum, igualmente, reforça o preconceito e a discriminação. Denota esse fato com que, no cotidiano de nossas fronteiras, se dá a repetição reiterativa de expressões verbais reveladoras de estereótipos arraigados. Para efeito de ilustração, sempre que um brasileiro toma uma atitude considerada pouco inteligente ou demonstra apego ao ócio, seus compatriotas fronteiriços o estigmatizam por meio de designações como ‘paraguaio ou ‘boliviano’.

Em adição, Oliveira (2009) afirma que é preciso considerar que “cada fronteira é uma fronteira”, e carrega consigo o peso da composição étnica, o tamanho e a estrutura das cidades onde explodem preconceitos rivalidades, competições e ilicitudes em vários níveis, mas ao mesmo tempo também podem eclodir fatos agradáveis e convivência harmônica subjacente.

As relações humanas nos contextos fronteiriços são marcadas por traços de interação e conflitos, de orgulho ou negação às origens. Enquanto filha de imigrantes paraguaios acredito que não podemos fechar os olhos para essa realidade que está presente em todas as fronteiras do Brasil. É inegável que muitos descendentes de bolivianos, tentam conviver em harmonia com os brasileiros, mas sentem na pele o peso da diferença que, penso, sempre irá nos marcar.

4. POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS – LEGISLAÇÃO PERTINENTE

La política lingüística oficial de España en América fue siempre la de reservar la vida pública al castellano y decretar reiteradamente que de una vez por todas, los indios se castellanicen.(XAVIER ALBÓ, 1988).

Quando o Brasil foi descoberto, aqui já existiam várias línguas indígenas que, ao longo do processo de colonização, foram sendo exterminadas ou colocadas em segundo plano, devido à imposição da língua européia. Em nosso caso, o português, e, no caso dos países colonizados pela Espanha o espanhol. (DALINGHAUS 2008)

Nesse sentido, podemos dizer que, esse processo representou uma das primeiras ações de políticas linguísticas para a construção de um país monolíngue, pois o território brasileiro até então era plurilíngue, conforme afirmação abaixo:

Fatos relevantes que nos remetem aos séculos XVIII e XIX contribuíram significativamente para a implementação do que hoje denominamos políticas linguísticas e planejamentos linguísticos. A imposição do português como língua de uso geral ocorreu no século XVIII, resultando como língua nacional do Brasil após a independência. Contudo, sabe-se que a esse processo subjazem relações políticas, que resultaram na expulsão dos jesuítas e na proibição do uso da língua geral na Colônia. Aí se esboçava uma política linguística com vistas a uma perspectiva de “construção do monolingüismo”. Atualmente, apesar de minoritárias, as línguas indígenas ainda convivem com a língua portuguesa. (DALINGHAUS 2008)

Conforme Calvet (2007), política linguística e planejamento linguístico surgiram na segunda metade do século XX. Em fins dos anos 60 e meados dos anos 70 importantes nomes da sociologia da linguagem organizaram vários eventos, principalmente por William Bright, nesses encontros discutiam-se os problemas linguísticos da época. Nesse processo é que surgiu a primeira noção de planejamento linguístico, concomitantemente ao surgimento da Sociolinguística. (grifo nosso).

Desse encontro entre antropólogos, linguistas, sociólogos e economistas, surgiu a obra que principiou o centro das discussões sobre políticas para o planejamento linguístico, em poucos anos com a evolução dessas discussões originaram várias publicações importantes, como a de J. Fishman (1974) *Advances in language Planning*, entre várias outras. Em síntese todas as obras publicadas a esse aspecto representam conforme Calvet a história da concepção do planejamento linguístico paralelo à noção de políticas linguísticas:

Em todos os casos e em todas as definições, as relações entre a política linguística e o planejamento linguístico são relações de subordinação: assim

para Fishiman, o planejamento é a aplicação de uma política linguística, e as definições posteriores, em sua variedade, não ficarão muito longe dessa visão. Em 1994, por exemplo, Pierre-Étienne Laporte apresentaria a política linguística como um quadro jurídico e a reorganização linguística como um conjunto de ações “que tem por objetivo esclarecer e assegurar determinado status a uma ou mais línguas. (CALVET, 2007, p. 15)

No quadro conjuntural brasileiro as escolas são executoras das políticas linguísticas, pois essas ações, principalmente no que tange ao ensino de línguas estrangeiras, dependem dos interesses e articulações das políticas internacionais do país.

Conforme conceitos básicos apresentados sobre políticas linguísticas o referido autor, afirma que as línguas existem para servir aos homens e não o inverso, e que ao Estado é atribuída a função das escolhas sobre as políticas de planejamento linguístico.

Nesse sentido, podemos depreender que a ação de planejamento em regiões de línguas em contato requer um levantamento da situação sociolinguística da região e das relações sociais na fronteira, que contemplem as singularidades regionais.

O estudo da política linguística requer conhecermos a história das línguas a começar pelas línguas indígenas, pois nelas estão a raiz do nosso contexto linguístico atual, estas ficaram subjacentes devido à hegemonia das línguas dominantes, foram submetidas a um processo de anulação cultural para a absorção da cultura dominante

A língua é uma questão de Estado, portanto é preciso que nossos governantes procurem elaborar políticas linguísticas que considerem as diferenças culturais, sociais e históricas para que se atenda às especificidades de cada região sem que ocorra a nulidade das línguas autóctones.

No contexto linguístico da fronteira Brasil/Bolívia há uma configuração diferenciada em relação às demais fronteiras já citadas, primeiramente há que se considerar a pouca produção científica que possam delinear com exatidão a realidade linguística desta fronteira. Neste sentido, esta investigação revela dados que contribuirão para entendermos as relações linguísticas que aqui estão estabelecidas.

Em pesquisa (acredita-se ser a única nesse contexto) sobre o contato das línguas espanhol e português nesta região, constatou-se que há uma ideia de supremacia linguística nas relações comerciais entre Brasil e Bolívia, pois estas línguas são utilizadas principalmente pela necessidade do contato comercial entre seus habitantes. (Guidorizzi, 2003). Para essa pesquisadora não foi possível coletar dados em situações naturais de fala e afirma haver um conflito envolvendo questão identitária nesta fronteira.

4.1. As políticas linguísticas do Mercosul

O Mercado Comum do Sul foi criado em 1991, mas desde os anos 80 já existiam acordos bilaterais entre Brasil e Argentina com o objetivo de integração comercial e acordos de livre comércio com uniformização de taxas de juros etc. O Mercosul possui como países membros: A Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e também passou a figurar neste bloco a Venezuela, desde 2006.

Este grupo também possui alguns países associados que já têm tratados assinados, como o Peru, Chile, Equador, Colômbia e Bolívia. Há possibilidades futuras de que estes países também façam parte como membros do bloco, mas tudo vai depender da forma de organização política e econômica destes.

Como já registrado neste estudo, o Mercosul reúne países em desenvolvimento que visam à integração econômica. Nas ações e experiências de política comercial vivenciadas pelos países membros desse sistema, vale ressaltar que percebeu-se a importância de vincular outras esferas no processo de integração, principalmente em regiões fronteiriças, como acordos no âmbito educacional, nas relações interculturais, pois pode haver ou não simetrias socioeconômicas e geopolíticas nessas regiões. É preciso que cada país-membro conheça as características linguísticas, culturais e étnicas de cada membro, pois todas possuem peculiaridades que exigem ações específicas para a efetivação da integração em todos os âmbitos.

Conforme artigo sobre limites e fronteiras internacionais, Steiman&Machado (2002, p. 11), as simetrias e assimetrias culturais tanto podem fortalecer as relações transfronteiriças como também podem vir a ser negativa nesse processo e cita como exemplo a fronteira do México com os Estados Unidos onde persistem estereótipos do **anglo-saxônico prepotente e dominador** e do **hispânico preguiçoso e ignorante**, essas práticas segundo a autora, limitam o processo de integração. (grifo nosso). Em contraponto, a mesma acrescenta que a fronteira dos Estados Unidos com o Canadá apresenta poucas assimetrias com ausência de conflitos e diferenças culturais, no entanto possui pouca interação, fato que nos leva à reflexão de que a existência ou não de assimetrias não é o principal fator de impedimento na interação entre países fronteiriços.

É importante ressaltar que, medidas para concretizar as ações de integração específicas das fronteiras já foram acordadas oficialmente, mas resultado relevante na prática pouco se vê. Um exemplo que se pode destacar sobre esse aspecto são os acordos bilaterais

educacionais que já apresentam algumas ações como o programa bilíngue de fronteira, difusão das identidades regionais e práticas sociais dos países envolvidos. O MERCOSUL educacional preconiza o ensino do espanhol e do português como forma de melhorar a comunicação entre os países e também pelo interesse de difundir os dois idiomas oficiais do Bloco. Em artigo sobre línguas estrangeiras no MERCOSUL Gabbiani (2003) do Instituto de Linguística da Universidade da República do Uruguai afirma:

[...] Los países miembros del MERCOSUR se preocuparon por implementar de alguna manera la introducción del español y el portugués en el sistema educativo. Fue Brasil quien se abocó con mayor decisión a la realización de esta tarea, y las razones han sido analizadas en distintos trabajos. Las fundamentales serían el prestigio que la literatura en español tiene en Brasil y la necesidad de utilizar bibliografía en español que los técnicos y académicos brasileños han tenido desde siempre (aunque quizás esto haya decrecido en los últimos años, al crecer tanto la producción de conocimiento como la traducción al portugués). El español siempre contó en Brasil con un alto reconocimiento como lengua de cultura, ciencia, literatura y comunicación internacional, muy posiblemente porque a pesar de tratarse de un país con una población tan grande, está inserto en un continente hispanohablante y su enorme dimensión geográfica le permite tener fronteras con muchos países hispanohablantes. El hecho es que debido a estas circunstancias, a mediados de la década de los 90 ya había en Brasil alrededor de 50 universidades (entre públicas y privadas) que ofrecían licenciaturas y profesados en español y no menos de 30 con posgrados en español. El crecimiento de la demanda debido, por un lado, a la inclusión del español como lengua extranjera en secundaria y a su presencia en los exámenes de ingreso a la universidad (vestibular), y por otro lado a su exigencia para acceder a determinados empleos e incluso cargos públicos, hizo que el número de profesores de ELE que venía formando Brasil fuera absolutamente insuficiente. Por su parte Argentina contaba en esos momentos con uno o dos profesados de portugués, y Paraguay y Uruguay carecían de formación docente en esta lengua.

A linguísta Gabbiani participa do grupo de trabalho de políticas linguísticas do MERCOSUL educativo, e, no artigo apresenta a situação do ensino de línguas nos países membros, exposta nas reuniões do referido grupo. No que tange ao ensino do espanhol e português foi proposto que: leve-se em consideração as diferenças regionais de cada fronteira; seja feito um diagnostico linguístico para que se possa promover uma proposta educativa plurilinguística e que se fortaleça a formação docente em ELE (espanhol como língua estrangeira) e PLE (português como língua estrangeira), além de criar estes cursos onde haja necessidade.

O Grupo já discutia a possível implementação do ensino do espanhol e português nos países do MERCOSUL, desde 1992, no setor educacional. Segundo a pesquisadora, o Brasil está inserido em um continente hispanofalante e devido a sua dimensão geográfica faz

fronteiras com vários desses países, e desde a década de 90, o país já tinha entorno de 50 universidades que ofereciam a licenciatura em espanhol. Apesar desse quadro a informação que se tem do Brasil é de que não há profissionais suficientes para atender à demanda nas escolas. A Argentina, Uruguai e Paraguai também carecem de professores de português como língua estrangeira. Cabe esclarecer que estes dados foram elencados no final da década de 90

Cabe ressaltar que as primeiras reuniões desse grupo de trabalho de políticas linguísticas para o MERCOSUL educativo, realizaram-se em meados da década de 90 e os anos de 2000 e 2001, período em que foram traçadas e apresentadas algumas propostas de ações nesse âmbito.

De acordo com informações encontradas no portal do Ministério da Educação, o que se tem oficialmente para o fortalecimento da integração regional no âmbito educacional são acordos bilaterais entre alguns países membros. Em reunião realizada no Paraguai em 2001 entre Ministros da Educação foi aprovado um plano político educacional do setor para 2001-2005 com a seguinte proposta:

A educação como espaço cultural para o fortalecimento de uma consciência favorável à integração, que valorize a diversidade e reconheça a importância dos códigos culturais e lingüísticos”. É nesse contexto que o Setor Educacional do Mercosul (SEM) busca avançar na sensibilização para o aprendizado dos idiomas oficiais do Mercosul. (MEC). (BRASIL, 2008)

Nesse contexto, podemos citar o acordo entre Brasil e Paraguai. Segundo o MEC, a proposta de cooperação entre esses países abrange ações estratégicas e o aprofundamento da troca bilateral na educação de jovens e adultos. A educação superior também será contemplada com a criação, na Universidade Nacional de Assunção (UNA), de um curso de licenciatura em língua portuguesa. Este projeto visa o apoio ao ensino do idioma português no Paraguai e dos idiomas espanhol e guarani no Brasil, nas universidades e nas escolas de nível médio, com ênfase na formação dos professores.

Foi acordada também a criação de leitorado de língua portuguesa e literatura brasileira em universidade paraguaia, no intuito de divulgar a nossa cultura em instituições universitárias estrangeiras.

Na fronteira Brasil-Argentina, com a intenção de efetivar a integração intercultural para a construção de uma cidadania regional bilingue, foi firmada, em 2003, uma declaração educacional em que se atribui grande importância ao ensino do espanhol no Brasil e do português na Argentina.

Foi a partir desse acordo que equipes técnicas brasileiras e argentinas criaram a primeira versão do programa Escolas Bilingües de Fronteira (PEBF). Nesse processo

percebeu-se a necessidade de se fazer um levantamento da realidade sociolinguística de professores e alunos envolvidos no programa, como o grau de conhecimento destes sobre as línguas envolvidas e suas representações sócio-culturais.

Neste ponto, cabe ressaltar que esta também é uma das propostas desta pesquisa, mas com enfoque no grau de interação e inserção da língua espanhola no contexto escolar corumbaense.

O projeto piloto deste acordo educacional surge em 2004, um projeto na versão Escolas de fronteira bilíngues português-espanhol. Depois de estabelecido esse compromisso, iniciou-se o processo de implantação desse programa em 2005, envolvendo, no início, duas escolas na Argentina, sendo uma em Bernardo de Irigoyen (Misiones), e outra em Paso de los Libres (Corrientes).

No Brasil também implantou-se em duas cidades: Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Uruguaiana (Rio Grande do Sul). Como os resultados foram positivos no processo de integração intercultural, este programa foi ampliado em outras cidades, como Puerto Iguazú, Santo Tomé e La Cruz e, no lado brasileiro, Foz do Iguaçu no Paraná e São Borja e Itaqui no Rio Grande do Sul.

Desse intercâmbio e cooperação inter-fronteiriça observou-se que as melhores localidades para o desenvolvimento desse programa são as regiões de cidades-gêmeas, desde que haja parceria e interesse do outro país. Como explicita Pereira em artigo sobre diversidade cultural nas escolas de fronteiras:

A fronteira agrega especificidades que demandam no mínimo ações conjuntas dos países envolvidos, pois as condições de existência na fronteira tocam a todos que residem nestas áreas, portanto a fronteira é uma zona constante de fluxos e complementaridades e a educação cumpre um papel fundamental na integração. Nos dias atuais, a fronteira vem se desenhando num espaço cada vez mais peculiar e influente quando se trata dos aspectos educacionais, linguísticos e sociais presentes nesse local. (PEREIRA, 2009, p. 54)

Destarte, tratando da questão da Bolívia, que é um país associado ao Mercosul, também já foram firmados alguns acordos bilaterais oficialmente. O Brasil vai colaborar com a Bolívia na criação de uma agência de credenciamento de cursos e instituições superiores a fim de aprofundar e fortalecer as relações bilaterais na área de educação.

O acordo prevê intercâmbio e aperfeiçoamento de professores, estudantes e gestores educacionais, visitas às escolas brasileiras e bolivianas, seminários, eventos, troca de informações sobre sistemas e políticas educacionais, elaboração de projetos de cooperação técnica e apoio de organismos internacionais.

Também há interesse em promover o ensino de português na Bolívia e de espanhol aqui. Porém, na prática esse acordo não está em funcionamento, nem no âmbito federal, nem nesta região estudada. Não foram apresentadas ações político-linguísticas em prol da educação regional.

O Brasil até recentemente tratava as políticas educacionais de forma unilateral sem considerar a heterogeneidade fronteiriça, dando pouca visibilidade aos aspectos sócio-educativos que se entrecruzam na linha de fronteira.

Nesse âmbito cabe citar novamente Pereira (2009, p. 55) que nos propõe os aspectos a serem considerados nas ações político-linguísticas:

A superação da visão nacionalista de cada país, quando os conflitos bélicos são abordados numa perspectiva unilateral; **b)** A necessidade de atividades na área de matemática em relação ao câmbio financeiro entre países; **c)** A ineficiência da segurança pública nos lindes brasileiros, que gera exploração de pessoas e produtos; **d)** A indiferença em relação aos conflitos; os estudantes se designam com estigmas e estereótipos, resultando em preconceitos e discriminações; **e)** A ênfase sobre as diferenças entre os países, ao invés de buscar as semelhanças; isso acarreta distanciamento entre os países e o atraso na consolidação da integração sul-americana; **f)** A importância da análise dos fluxos, a exemplo dos deslocamentos por estudantes residentes nos países vizinhos, que atravessam a linha de fronteira para o lado brasileiro em busca de escolarização na Educação Básica, bem como do fluxo em sentido inverso, no que tange à educação superior e à pós-graduação, brasileiros procuram pelo ensino desses níveis em instituições bolivianas e paraguaias, fugindo das avaliações propostas pelas instituições de ensino superior do Brasil e, por último; **g)** O intercâmbio entre escolas de fronteira.(grifo nosso)

As questões pontuadas por Pereira precisam estar na lista de prioridades das ações político-governamentais para que haja uma real mudança no desenvolvimento de políticas públicas para a educação nas faixas fronteiriças.

Nesta fronteira do Brasil com a Bolívia os aspectos educacionais também não se encontram na lista de prioridades sobre esse aspecto. Um exemplo atual dessa inobservância ao contexto educacional é a carta dos municípios desta fronteira pantaneira dirigida aos Presidentes Lula e Evo Morales. Na carta entregue em janeiro de 2009, em visita dos mesmos a esta região. Contextualizou-se sobre questões importantes para a resolução dos problemas que envolvem as comunidades fronteiriças e o apoio para o cumprimento de ações integracionistas sul-americanas em consonância aos propósitos do Mercosul e apontam os problemas estruturais que comprometem a efetividade do desenvolvimento integrado nas faixas de fronteiras.

Nas estratégias de atuação pontuadas no referido documento até cita-se o desenvolvimento de políticas educacionais nas faixas fronteiriças, mas quando pontuadas as questões de resolução prioritária em nenhum tópico tratou-se dos aspectos educacionais.

Sabe-se que a educação é um ponto importante para que haja integração em meio à diversidade cultural existente na região. E deveria fazer parte das ações de necessidade prioritária nas áreas fronteiriças. No discurso político atual tem-se o Mercosul como a grande mola propulsora da difusão do ensino da língua espanhola no Brasil, mas é importante ressaltar que há muitas críticas em relação ao rumo que tem tomado as propostas de políticas linguísticas do Mercosul.

Sobre a lei 11.161/2005, que será contextualizado no próximo tópico, Simão (2008) aponta, no que diz respeito à questão que mais diretamente nos interessa, parece não haver uma política linguística clara para o Mercosul e quando analisamos melhor o que ocorre nesse sentido, vemos uma clara incoerência no plano governamental: o mesmo governo que sanciona a lei da obrigatoriedade da oferta do ensino da língua espanhola, com as características que lhe atribuem as Orientações Curriculares publicadas pelo MEC, dispensa, por exemplo, a tradução de documentos para trâmites migratórios, contrariando o artigo 13, *caput*, da Constituição Federal e prejudicando claramente a atividade profissional dos tradutores. A língua estrangeira que precisa ser ensinada na escola para garantir a integração e o mútuo conhecimento é dada, assim, como tão transparente e acessível que dispensa a tradução de documentos.

Segundo autora, fica evidente que, o Brasil em relação ao Mercosul não apresenta uma política linguística de ações concretas, o que se tem são leis que não são cumpridas e belos discursos que não se efetivam na prática emanando as necessidades reais da população envolvida.

4.2. A aplicabilidade da Lei Federal 11.161/2005

Um dos primeiros Projetos de Lei que tramitou no Congresso Nacional, que pretendia incluir o espanhol como língua estrangeira nas escolas brasileiras, foi apresentado pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 1958. Depois deste, também tramitaram no Congresso mais dezesseis outros projetos com esse mesmo objetivo, mas não tiveram sucesso; entre eles

está o Projeto de Lei apresentado pelo Deputado Átila Lira em dezembro de 2000, que foi sancionado em 05/08/2005 pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva transformando-se na Lei 11.161/2005.

De acordo a essa lei as escolas teriam que ofertar a língua espanhola no Ensino Médio em caráter obrigatório e facultativo no ensino fundamental até o ano de 2010. Os estados tiveram um prazo de cinco anos para iniciarem o processo de implantação da referida lei. Apresentamos os termos da lei que dispõe sobre o ensino da língua espanhola:

Art. 1º O ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do ensino médio.

§ 1º O processo de implantação deverá estar concluído no prazo de cinco anos, a partir da implantação desta Lei.

§ 2º É facultada a inclusão da língua espanhola nos currículos plenos do ensino fundamental de 5ª a 8ª séries.

Art. 2º A oferta da língua espanhola pelas redes públicas de ensino deverá ser feita no horário regular de aula dos alunos.

Art. 3º Os sistemas públicos de ensino implantarão Centros de Ensino de Língua Estrangeira, cuja programação incluirá, necessariamente, a oferta de língua espanhola.

Art. 4º A rede privada poderá tornar disponível esta oferta por meio de diferentes estratégias que incluam desde aulas convencionais no horário normal dos alunos até a matrícula em cursos e Centro de Estudos de Língua Moderna.

Art. 5º Os Conselhos Estaduais de Educação e do Distrito Federal emitirão as normas necessárias à execução desta Lei, de acordo com as condições e peculiaridades de cada unidade federada.

Art. 6º A União, no âmbito da política nacional de educação, estimulará e apoiará os sistemas estaduais e do Distrito Federal na execução desta Lei.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

(BRASIL, 2005)

Como se lê, a lei prevê que se implante de forma gradativa no currículo do ensino médio a oferta da língua espanhola em todas as escolas do Brasil. Sendo que, a matrícula é facultativa para o aluno. Nesse aspecto, é importante ressaltar, a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, a decorrente lei no que dispõe sobre o ensino médio etapa final da educação básica, já indicava em termos curriculares essa oferta, sendo assim, ficou estabelecido no art. 36º, inciso III⁶: “Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade

⁶ Esta lei está disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> acesso em: 13/04/2010

escolar, e uma segunda em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição”.(BRASIL, 2010)

Nessa perspectiva, é relevante que se tenha a dimensão exata da importância do ensino de línguas estrangeiras para os alunos do ensino médio. Nesse intuito, precisamos primeiramente obter respostas às seguintes indagações: Caso os alunos tivessem que optar entre o inglês e o espanhol, como língua estrangeira obrigatória que idioma escolheria para estudar (por quê?). Que motivação estes tem para estudar determinada língua estrangeira. Há discussões em Corumbá que visem ação de política-linguística que procure contemplar as especificidades locais?

Acreditamos que essas ações precisam ser articuladas no âmbito político governamental junto aos gestores educacionais inserindo esse contexto nas discussões pedagógicas das escolas. Segundo o Ministério da Educação através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), há no Brasil, atualmente em torno de 382 cursos autorizados ou reconhecidos de graduação em Letras-Espanhol, alguns com tradição de mais de meio século, oriundos das antigas faculdades de Letras Neolatinas. Em contrapartida, de acordo com o mesmo instituto, a oferta na rede pública é de 14% e na particular 56%, das 25 mil instituições de ensino médio, segundo censo da educação básica de 2008, existe em torno de 6.600 que oferecem a disciplina.

O MEC aponta como entraves para o cumprimento da lei: o déficit de professores; falta de planejamento da grade curricular e compra inadequada de material didático, nesse contexto admite que será difícil sua implantação em 100% das escolas do Brasil.

Em Corumbá registra-se uma primeira tentativa de ofertar o ensino da língua espanhola com o decreto de lei municipal nº 1.322/93, que dispõe sobre implantação do ensino do espanhol nas escolas da Rede Municipal de Ensino(REME), que foi sancionado pelo então prefeito de Corumbá Ricardo Chimirri Cândia. Nesse aspecto cabe referir que procuramos informações sobre a situação dessa lei municipal na prática, e a informação que se tem de acordo com dados fornecidos pelas escolas da REME, a oferta de língua estrangeira é feita no ato da matrícula para alunos que irão iniciar o sexto ano do Nível Fundamental, assim, a escola expede uma ficha de oferta de língua estrangeira emitida pela Secretaria de Educação, que é de preenchimento obrigatório para os pais, os quais podem optar pelo inglês ou espanhol.

Fizemos um levantamento de quais e quantas das escolas da rede ofertam e ministram o ensino da língua espanhola em sua grade curricular.

ESCOLAS PÚBLICAS	INGLÊS	ESPAÑHOL
Municipais urbanas /rurais/extensões	99 %	1 %
Estaduais urbanas/rurais/extensões	98%	2 %

Quadro 3 – Escolas públicas inglês e espanhol

Convém elucidar que, neste município a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus Pantanal formou a primeira turma de professores com Graduação em Letras/espanhol em 2010, fato que deve ser considerado pelo estado e município. Este fato contribuirá para atender à possível demanda de professores especializados para esta região. Na realidade local parece-nos importante que se estabeleçam junto aos órgãos governamentais que se apliquem essa política educacional como forma de integração linguística e aproximação cultural.

5. IMAGEM, PRECONCEITO E INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Os registros encontrados nesta investigação foram categorizados em dois grandes tópicos: o primeiro compreende a língua espanhola (importância, uso, opção de língua estrangeira e grau de interação). O segundo registro enfatiza a Bolívia (impressões, preconceito e integração) como é vista pelos estudantes, qual é a imagem que eles têm do país vizinho e seus habitantes. A análise principal centrar-se-á nos questionários que foram aplicados, as entrevistas serão usadas como dados adicionais, por motivos já expostos no capítulo anterior. A interpretação feita nesta pesquisa, além de apresentar análise estruturada numa abordagem qualitativa, fará uso da estatística descritiva com respaldos quantitativos para apoiar conclusões firmadas sobre os dados apresentados.

A partir da análise e observação dos dados coletados neste trabalho alguns pontos foram organizados de forma a atender aos pressupostos teóricos e metodológicos do modelo de pesquisa laboviano.

Iniciaremos a nossa análise apresentando o levantamento de dados extraídos do questionário aplicado nas escolas envolvidas, as questões referem-se à língua espanhola e a Bolívia. Vejamos os resultados encontrados conforme a variável grupo socioeconômico, escola pública e particular e variável sexo. É importante lembrar que, nas escolas públicas a divisão foi definida com 27 estudantes do sexo masculino e 31 estudantes do sexo feminino totalizando 58 informantes e nas escolas particulares foram 27 estudantes do sexo masculino com 25 estudantes do sexo feminino totalizando 52 informantes. Inicialmente a intenção foi equiparar o número de informantes, mas como não houve adesão igualitária por parte dos estudantes nas escolas participantes, decidimos utilizar todos os dados coletados, pois a diferença foi de seis alunos a mais para as escolas públicas, acreditamos que esse dado é relevante para a contextualização desta investigação, em virtude de apresentar o grau de interesse por parte dos estudantes. Após o levantamento de todos os dados encontrados nos questionários, organizamos os resultados conforme a variável escola e sexo. Vejamos os resultados nessa sistematização.

Diante das respostas aos vários questionamentos, do total de informantes partícipes desta pesquisa (27 estudantes do sexo masculino), (31 estudantes do sexo feminino) totalizando 58, aproximadamente 77,5% dos estudantes do sexo masculino e 80,5% do sexo feminino, afirmaram desconhecer a Lei federal 11.161/2005, que dispõe sobre o ensino da

língua espanhola em escala gradativa, nas escolas públicas e privadas do Ensino Médio de todo o país. Sendo que será de oferta obrigatória pelas escolas e optativo para os alunos. Tal dado indica que apenas 19,5% do sexo feminino, e 22,5% do sexo masculino, já tinham conhecimento sobre a lei federal em questão.

Quando questionados em relação à importância de se aprender a língua espanhola. Mais de 96% dos alunos de ambos os sexos consideraram importante aprender o idioma, motivados primeiramente pela possibilidade de ascensão no mercado de trabalho, seguido pela possibilidade de comunicação com o país vizinho, conforme mostra o gráfico 1. Cabe enfatizar que as escolas de faixa de fronteiras apresentam muitas particularidades, visto que recebem estudantes oriundos da Bolívia, fato que implica novas práticas pedagógicas por parte dos docentes no sentido de atender a essa demanda diferenciada. Devido a essa realidade, consideramos que aprender esse idioma é importante tanto para estudantes quanto para professores nesta convivência intercultural.

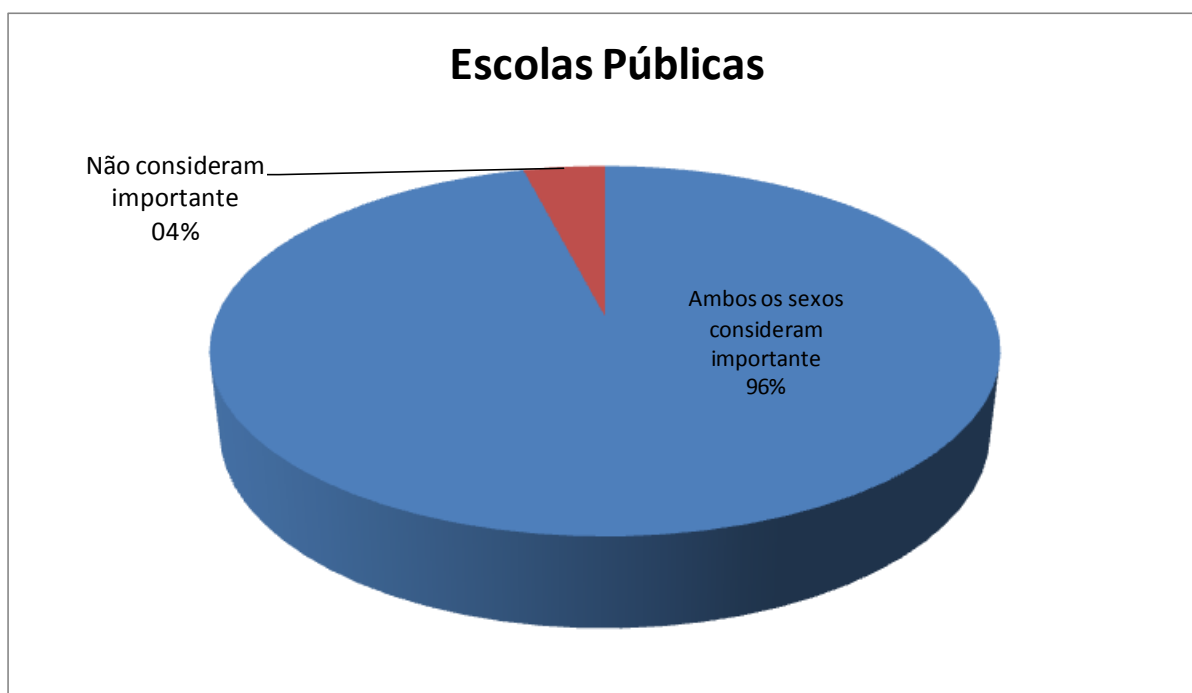


Gráfico 1 – Escola pública - consideram importante aprender a língua espanhola

Os estudantes que tentaram falar o idioma, afirmaram falar quando vão às compras na fronteira, há aqueles que já tentaram em atividades escolares propostas pelo professor de espanhol e outros que tentam falar em casa com a família ou com os amigos. Observamos que a tentativa de uso da língua na fronteira é maior entre os estudantes do sexo masculino. Estudantes do sexo feminino preferem comunicar-se na língua materna, ou seja, a língua portuguesa conforme mostra o gráfico 2.



Gráfico 2 – Escolas públicas - emprego do espanhol em alguma situação

Os estudantes de ambos os sexos das escolas públicas demonstraram preferência pela língua espanhola caso tivessem que optar por uma delas (cf.gráfico 3). Cabe ressaltar neste item que, das duas escolas públicas pesquisadas apenas uma oferta a língua espanhola em sua grade curricular. Outro fator que motivou a maior opção pela língua espanhola, de acordo a estes estudantes, deve-se ao fato do idioma ser de fácil compreensão. Cabe elucidar que, ainda que haja semelhança entre as duas línguas, principalmente porque ambas são de mesma origem histórica, há grande número de termos e expressões comuns entre elas, é preciso um bom conhecimento da estrutura da língua para que não se cometa erros, o fato da língua portuguesa ter sido uma das últimas derivações do Latim distanciou-se do espanhol, com a presença de mais fonemas e sons anasalados e, por tanto, dificultando a transmissão da mensagem.



Gráfico 3 – Escolas públicas - caso tenham que optar por inglês ou espanhol

Observamos que ambos os sexos deram preferência a estudar os dois idiomas caso fossem ofertadas na escola. Verifica-se que há uma intenção maior por essa opção entre o sexo feminino, visto que das 31 estudantes, 27 manifestaram preferência por estudar as duas línguas estrangeiras, o que corresponde a um percentual de 87%. Outro fator constatado centra-se no conhecimento que os estudantes têm sobre a Bolívia. A maioria destes demonstrou saber algo sobre o país, mas sempre carregado de contextos negativos. As respostas mais recorrentes referem-se à Bolívia como: Ponto estritamente comercial, ponto de passagem de tráfico, contrabando e país muito pobre. Esta é imagem que está posta a esses estudantes, sobre o vizinho estrangeiro. Acreditamos que tal imagem reflete, como preconiza Bourdieu (2009), o vivido no espaço de interação e funciona como uma situação de mercado linguístico, que tem características conjunturais, cujos princípios podemos destacar. Em primeiro lugar, é um espaço pré-construído: a composição social do grupo está antecipadamente determinada. Para compreender o que pode ser dito, e sobre tudo o que não pode ser dito no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo dos locutores – é preciso saber quem é excluído e quem se exclui.

Analisando-se o total de estudantes de escolas públicas, cabe destacarmos que, a impressão que predomina entre eles, em relação aos bolivianos é a de um povo trabalhador, porém muito humildes. Convém acrescentar, que mesmo predominando essa imagem de pessoas trabalhadoras e sofridas no contexto social, foram recorrentes entre os estudantes

respostas que dão margem a outra discussão no que se refere ao aspecto físico dos bolivianos, conforme afirmaram estes, apresentam pouca higiene, por essa razão são considerados ou vistos como “sujos” pelos brasileiros. Consoante a esse aspecto, eles disseram que ouvem sempre esse tipo de comentário entre os brasileiros, é uma situação que ocorre no âmbito escolar e fora dela. Conforme vemos no gráfico 4.



Gráfico 4 – Escolas públicas - Impressões dos estudantes sobre os bolivianos

Outra questão recorrente entre as respostas dos estudantes constatou que, a maioria dos estudantes manifestou ter amizade ou alguma relação próxima com bolivianos e descendentes, destes muitos têm contato com colegas na sala de aula. Estes fizeram questão de mostrar a amizade é verdadeira e desprendida de qualquer tipo de sentimento de exclusão do outro por motivo de diferenças socioculturais. Nessas afirmações observamos que, há um grau de amizade e boa convivência no contato de brasileiros e bolivianos, mas como confirmaremos adiante, essa relação está carregada de preconceitos e estigmas.

No gráfico 5, decidimos mostrar o resultado com inclusão das respostas de todos os estudantes investigados. Dos 58 estudantes de escolas públicas de ambos os sexos que responderam aos questionários, 39 disseram já presenciar algum tipo de preconceito ou discriminação a bolivianos. Esse dado equivale a 67% do total de estudantes. Considerando-se esta região de continuo contato com habitantes fronteiriços, é um número representativamente alto.

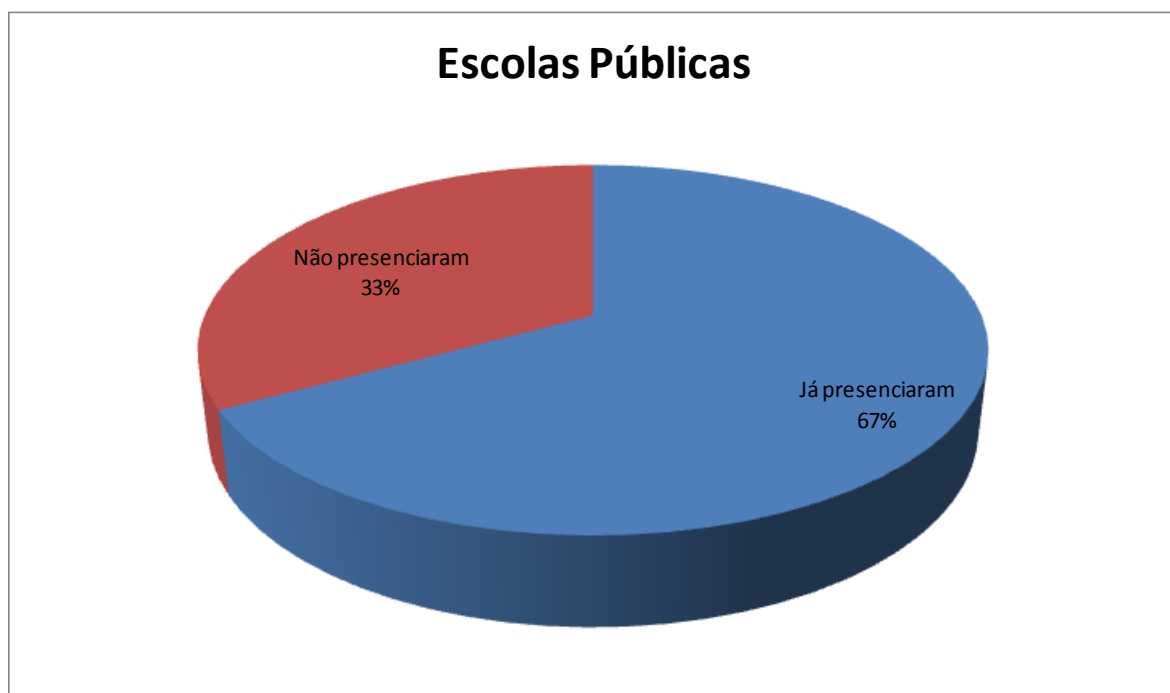


Gráfico 5– Escolas Públicas - Preconceito ou discriminação a bolivianos

Esta última questão nos apresenta três dados que foram recorrentes entre os estudantes de escolas públicas, conforme as respostas, para 39% do total de 58 alunos, o contato entre brasileiros e bolivianos de uma forma geral é amistosa, mas é uma relação carregada de preconceitos e permeada pelas rivalidades de interesses comerciais (conforme figura 6).



Gráfico 6- Escolas públicas - Contato entre brasileiros e bolivianos

Cabe elucidar que, a opção por separar as descrições e observações em escolas públicas e particulares é meramente metodológica, visto que, estamos atendendo ao proposto pelo método de pesquisa de campo em sociolinguística. Nesse sentido, passamos aos dados das escolas particulares, nestes os que tiveram respostas parecidas com os dados da escola públicas não apresentarão gráficos, apenas serão citadas e contextualizadas. Diante do perfil socioeconômico hipoteticamente diferenciado das escolas particulares observamos os seguintes dados:

Nas escolas particulares os estudantes apresentaram o mesmo desconhecimento em relação à Lei Federal 11.161/2005, em que do total de 52 estudantes de ambos os sexos 45 afirmaram desconhecer referida lei, o que representa 86% dos estudantes. Na questão de importância de aprendizado do idioma vizinho, também não houve grande diferença em relação às escolas públicas. 94% dos estudantes de ambos os sexos das escolas particulares consideram de suma importância aprender a língua espanhola, mais pela intenção de aprimoramento profissional do que interação com o país vizinho.

Em relação à necessidade ou tentativa de uso da língua no contexto fronteiriço verificou-se que 44% (estudantes do sexo masculino) já tentaram falar o idioma quando vão às compras na feirinha. Essa tentativa em relação ao sexo feminino é menor, pois apenas 36% disseram ter tentado se comunicar no idioma do país vizinho. Os demais, que equivale a uma porcentagem maior, preferiram a comunicação na própria língua, visto afirmarem que a maioria dos vendedores fala razoavelmente bem a língua portuguesa. Essa questão será contextualizada posteriormente. (conforme figura 7)

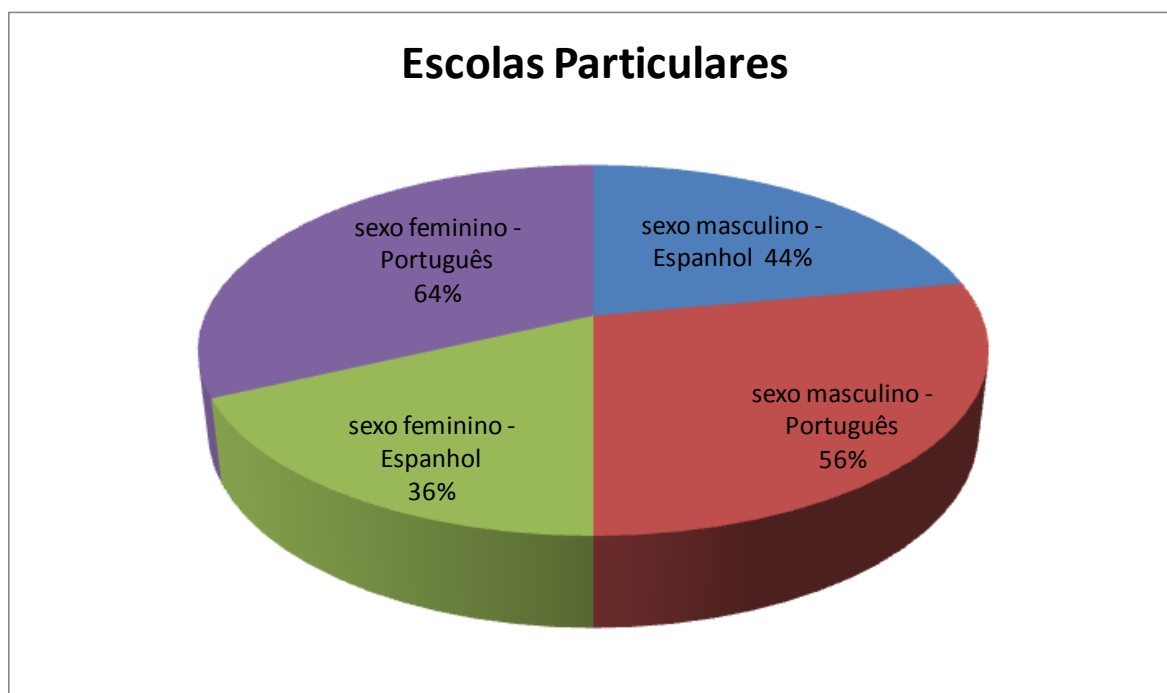


Gráfico 7 – Escolas Particulares Emprego do espanhol em alguma situação

Percebemos uma disparidade na opção entre a língua inglesa e espanhola. Nas públicas, ambos os sexos manifestaram maior preferência pela língua espanhola, nas particulares os estudantes manifestaram preferência pela língua inglesa entre ambos os sexos, assim, na divisão dos sexos 70% dos estudantes do sexo masculino optaram pela língua inglesa e 60% dos estudantes do sexo feminino tiveram essa mesma preferência. Comparando estes dados podemos afirmar que, nas escolas particulares há um interesse maior pela língua inglesa e nas escolas públicas demonstrou-se maior interesse pela língua espanhola. Neste contexto, cabe ressaltar que das quatro escolas envolvidas nesta pesquisa, duas ofertam a língua espanhola, sendo uma pública, Escola João Leite de Barros e outra particular, Escola Sesi.

Confirmamos que há uma valorização dos dois idiomas, no contexto geral, visto que, 74% do sexo masculino e 92% do sexo feminino consideram importante o conhecimento dos dois idiomas como forma de aprimoramento profissional e enriquecimento cultural. Esse percentual também não difere muito da opinião dos estudantes de escolas públicas.

Nos questionamentos sobre a Bolívia, praticamente se equipara ao resultado apresentado pelas escolas públicas, o conhecimento apresentado pelos alunos das escolas particulares foram as mesmas. Referem-se à Bolívia como ponto comercial, passagem de tráfico e contrabando, e a imagem que estes estudantes têm do país é a de muita pobreza e sofrimento.

No que se refere às impressões que os estudantes têm dos bolivianos. Observamos que a maioria dos estudantes de ambos os sexos vêem os bolivianos como pessoas trabalhadoras e humildes, mas também é grande o número de estudantes que os consideram pessoas de pouca higiene, “sujas”. Essa imagem que se faz dos bolivianos teve maior recorrência nas escolas particulares. O percentual entre os estudantes do sexo masculino aparece no gráfico 8. Entre os estudantes do sexo feminino verificou-se que 44% os consideram trabalhadores, outros 44% sujos e 12% humildes. Neste tópico vimos que a aparência dos bolivianos é muito criticada, segundo os estudantes. Este resultado traz a público o sentimento de discriminação étnico-racial, e reproduz o erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças. Essa afirmação pode parecer um paradoxo, mas no contexto coletivo essa é a imagem que prevalece em relação aos bolivianos. Não há como negar que existam tais práticas na convivência fronteiriça.



Gráfico 8 – Escolas Particulares - Impressões dos estudantes sobre os bolivianos

Conforme mostra o gráfico 9 observamos que, do total de 52 informantes, 29 já presenciaram algum tipo de preconceito ou discriminação a bolivianos ou descendentes, tanto fora como dentro da escola. Dividindo-se estes dados o sexo feminino apresenta um percentual maior, visto que 60% das estudantes já vivenciaram essa situação. Entre o sexo masculino temos 52% de ocorrência.

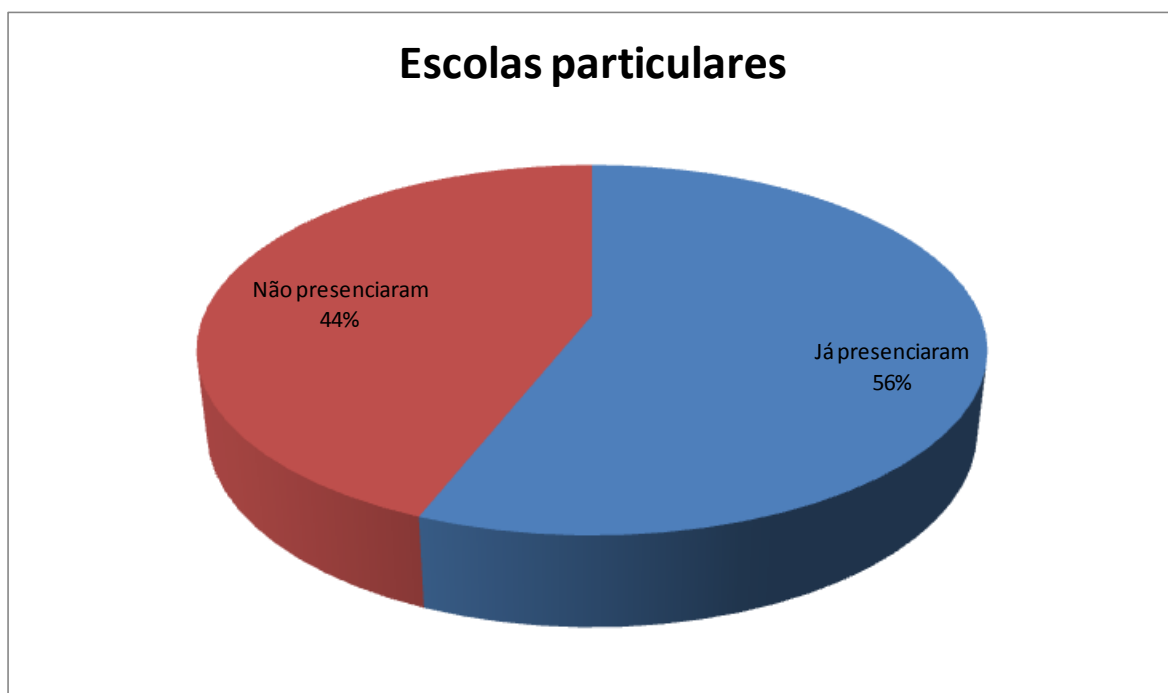


Gráfico 9 – Escolas Particulares - Preconceito ou discriminação a bolivianos

Verificamos que há interesse por parte dos estudantes das escolas particulares em conhecer ou estudar algo sobre a cultura boliviana. 62% do sexo masculino e 52% do sexo feminino, visto que é um país com a qual o Brasil faz fronteira. Comparando este dado percebe-se que os estudantes das escolas públicas apresentam maior interesse em conhecer os aspectos culturais da Bolívia.

Neste ponto, vemos uma contradição no discurso destes estudantes, visto que afirmaram ter apenas o interesse comercial, no outro lado da fronteira. Embasados nas respostas dos estudantes, percebemos que a dificuldade de interação com os vizinhos bolivianos centra-se neste local de primeiro contato, que é visto como lugar de pobreza e sujeira. Porque demonstraram interesse em conhecer outras regiões da Bolívia. E fizeram referências pejorativas, como nos coloca a (IFG2 – 2010) *a Bolívia não é o que vemos aqui nesta fronteira que é muito feia*.

Conforme mostra gráfico 10, para os estudantes das escolas particulares, assim com vimos os dados das públicas, o contato de brasileiros e bolivianos mesmo aparentando ter uma boa relação, resume-se a interesses comerciais cheio de rivalidades, carregada e preconceitos. Não difere muito das observações feitas pelos alunos das escolas públicas. Estes foram os resultados quantificados conforme os dados analisados dos questionários aplicados.

No próximo item trataremos dos dados numa perspectiva empírica contextualizando todos os fenômenos linguísticos e relacionais encontrados nesta pesquisa.

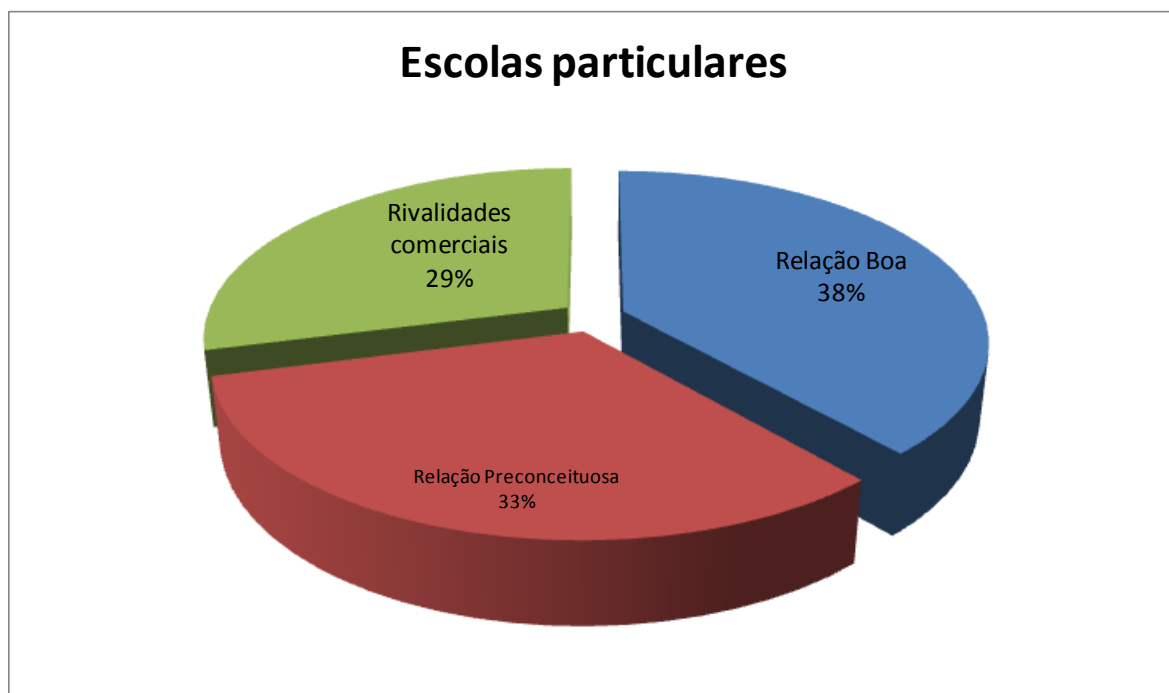


Gráfico 10 – Escolas Particulares - Contato entre brasileiros e bolivianos

Todos esses exemplos mostram que em geral as percepções destes estudantes são motivadas pelo que ouvem, assistem ou presenciam no contexto familiar, escolar e social. Não queremos dizer que a sociedade corumbaense estigmatiza e discrimina o país vizinho, no entanto, avaliamos que há um problema sério de aceitação étnica e de integração socioeconômica, que interfere diretamente na interação linguística. As práticas linguísticas não vão além do interesse comercial. Consideramos que tal atitude demanda políticas públicas de valorização das diferenças em regiões fronteiriças, para que possamos construir uma fronteira de verdadeiros *Hermanos*. O que a prática diária nos mostra que não há essa relação tão amistosa como se ouve nos discursos políticos. Compreender os mecanismos de resistência á aceitação das diferenças étnicas culturais será o primeiro passo para que os codinomes pejorativos e as práticas discriminatórias sejam combatidos na convivência fronteiriça.

5.1 Olhar dos estudantes sobre a fronteira com a Bolívia

Para entender o comportamento das sociedades humanas é preciso olhar muito além das fronteiras políticas ou administrativas de uma região. É preciso que se tenha definição da

identidade regional ou étnica entre o que está posto na representação mental de seus atores sociais e a realidade do espaço geográfico em que estes vivem. A gênese do léxico da região nos conduz ao princípio de di-visão principalmente social que naturalmente ocorre não só entre as regiões do espaço, mas também entre as idades, os sexos. Esse ato consiste em traçar fronteiras, fixar regras e impor autoridade legitimando as diferenças no mundo social, produzindo a existência de um poder simbólico na circunscrição do território. A fronteira não é mais do que o produto de uma divisão de realidades sociais diferentes ou semelhantes delimitadas em função da língua, tamanho da terra entre outras questões antropológicas que são inerentes ao ser humano. A fronteira sendo o produto de um ato jurídico de delimitação espacial produz a diferença cultural, nesse sentido, convém pensar na ação do sistema escolar em matéria de língua para que se perceba que a vontade política pode desfazer o que a história tinha feito. Com isso, a ciência propõe critérios bem alicerçados na realidade espacial em que não se deve esquecer que se limita a registrar um estado da relação de forças materiais ou simbólicas entre os que estão interessados num ou noutro modo de classificação, nesse sentido usa-se a autoridade científica para fundamentar-se o modelo de divisão que quer ser imposta nas fronteiras. (BOURDIEU, 2009).

Para Brenna B⁷. (2010, p. 266), em artigo sobre a fronteira nacional, afirma que os espaços fronteiriços devem ser considerados enquanto espaços pluriculturais e as políticas governamentais também precisam contemplar essa pluralidade. E ainda acrescenta:

El problema de nuestro tiempo es la creación y el sostenimiento de un orden político capaz de innovar mecanismos que alojen creativa y políticamente la multiplicidad identitaria en sus diversas e inciertas formas. La necesidad de espacios políticos en donde las diferencias identitarias (de interés) se diriman a través del intercambio y la negociación supone afirmar los mecanismos de diálogo sin ocultar las dimensiones de los conflictos, sin dejar de reconocer que existen disputas abiertas que dividen y separan, pero que no impiden el logro de acuerdos[...]

Nesse âmbito, cabe inferir que a integração social de uma comunidade plural não se concretizará se não houver reconhecimento e a aceitação das diferenças. Na fronteira com a Bolívia percebe-se que essa integração social ocorre de forma parcial, pois a convivência é amistosa, existe grande integração comercial com interesse de ambos os lados da fronteira, porém, conforme já constatado nessa investigação há certo distanciamento carregado de preconceitos quanto às diferenças culturais e econômicas apresentadas pelos bolivianos.

⁷ Professor da Universidade Autónoma do México

Esse contexto se confirma nas respostas dadas pelos estudantes referentes à imagem e conhecimento que eles têm do país e do cidadão boliviano e a conduta destes em relação ao idioma.

Para (I-3/M/G2, 2010), “Um corredor de drogas. País de língua espanhola subdesenvolvida.”

Afirma (I-12/F/G2, 2010) que:

A fronteira é bastante precária e meio de passagem de contrabando e tráfico de drogas, ou seja, de certa forma apresenta algum risco a população de Corumbá, porém o comercio de baixo preço atrai muitas pessoas, até mesmo de outras cidades. Não conheço muito sobre a Bolívia, sei somente o que vi na fronteira e o que ouvi de amigos que visitaram o país.

Já (I-56/M/G1, 2010) diz, “Vejo a Bolívia como um país de culturas interessantes e um centro comercial intenso e sei pouca coisa sobre a cultura boliviana, ma tenho interesse em saber mais”

E (I-81/F/G1, 2010), “A fronteira é bom só por causa da feirinha, mas com relação a limpeza é nota zero. No mais não sei nada sobre a Bolívia.acho que a maioria dos corumbaenses tem preconceito com os bolivianos.”

Como vemos neste espaço da fronteira Brasil/Bolívia não ocorre uma relação totalmente fraternal como ocorre na fronteira Brasil/Uruguai, por exemplo, especificamente entre Livramento e Rivera, que é uma região conhecida como fronteira da paz. (possuem até jornal em português e espanhol que circula nas duas cidades). Observa-se que os estudantes foram bem francos nas respostas. Nesse sentido podemos dizer que o contato entre brasileiros e bolivianos não apresenta uma aproximação identitária, não há assimilação cultural do lado de cá da fronteira, conforme o parecer dos estudantes.

Evidentemente a passagem livre entre duas cidades de dois países diferentes propiciam laços matrimoniais, contatos culturais, políticos entre outros. Configura-se nessa região um contexto linguístico diferenciado em relação a outras fronteiras já estudadas, pois se verifica a tentativa de uso situacional da língua espanhola. Nesse espaço fronteiro os estudantes quando sentem a necessidade de falar o idioma o fazem apenas no comércio, com a única intenção de conseguir descontos nas compras. Essa afirmação esta amparada nas respostas dos estudantes conforme os seguintes relatos abaixo.

(I-1/M/G2, 2010) informa, “Entrei na Bolívia com a intenção de falar o espanhol, mas todos sabiam falar português.”

E (I-2/F/G1, 2010) que,

Bom eu sei falar pouca coisa em espanhol, Me Gusta muito, feliz cumpleaños, soy muy bello, chico e chica. Eu sinto necessidade de falar espanhol na fronteira para comprar, pois os bolivianos quando vc fala bem espanhol eles baixam o preço pensando que você é de lá, então é importante falar.

Diz (I-6/F/G1, 2010),

Eu vejo a relação de brasileiros e bolivianos estritamente comercial porque os brasileiros não se interessam em saber a cultura dos bolivianos, pois só se interessam no que eles estão vendendo e nos comprando... Para as pessoas que não conhecem o povo boliviano há muito preconceito sim. A maioria dos corumbaenses falam que eles são porcos e mal cuidados, eu não acho isso, não. Se nós tentarmos conhecer mais, como eles tentam conhecer a nossa cultura acredito que a nossa relação seria muito melhor. “Eu sei falar madre que é mãe, padre que é pai, abuela avó, como te vas, hola, olá. Onde tu mora, onde a pessoa mora, cómo está tu region. É importante falar o espanhol, porque você consegue desconto. A maioria das pessoas que vão à fronteira não sabe falar espanhol, então os bolivianos tentam falar em português pra melhor vender.

(I-5/F/G1, 2010) afirma que ,

A gente entende mais do que fala , até acho que os bolivianos falam melhor português do que a gente as vezes, né. Eu só sei falar gracias, também, cambiar, na troca de alguma coisa. Quando a gente quer saber a quantidade de alguma coisa, uno, una só, itens assim quando a gente fala em quantidade eles já entendem o que a gente quer dizer. eles tentam falar mais português do que a gente o espanhol. Eles são mais abertos a tentar interagir com os brasileiros do que agente.

Comenta (I-20/F/G2, 2010) que,

Tenho interesse em aprender o espanhol para saber me comunicar bem nos países latinos. Sei algumas palavras. “La piel de La mujer es blanca, entre outras. Eu mais entendo do que falo. **Aqui, sinto falta de falar pra comprar na fronteira.**[...] eu vejo que é mais os bolivianos que tentam falar português ainda mais nessa questão comercial, porque os brasileiros só vão lá pra comprar e não ligam se querem falar, se querem aprender se é interessante ou não, mas para os bolivianos eles tem interesse sim pra se comunicar melhor com o cliente.(grifo nosso)

Esse uso situacional da língua para Weinrich (1953) é o uso alternado de duas línguas sem preocupação com a competência do falante. Nesse aspecto, os estudantes demonstraram maior preocupação em conseguir descontos nas compras, do que utilizar corretamente as estruturas lingüísticas do idioma, razão pela qual tentaram falar em espanhol com os atendentes do comercio boliviano.

Pressupõe-se que o comportamento linguístico do falante não se desvincula das questões socioeconômicas, redes de relações sociais, faixa etária e nível de escolaridade. Em relação a esse uso da língua suscita outra tendência a de utilizar o idioma apenas como

instrumento de favorecimento pessoal conforme afirmamos anteriormente, ou seja, não há neste contato o interesse interacional. Fato que pode confirmar-se também nas respostas quanto ao uso e opção de uma língua à outra.

(I-104/M/G1, 2010) diz, “Falo em espanhol às vezes, quando encontro um colega e falo as horas para ele com **Buenos dias, Buenas noches** na fronteira falo poucas palavras em espanhol, por não saber pronunciar corretamente eles tem dificuldade de me entender”. (grifo nosso).

E (I-31/M/G2, 2010) descendente afirma que,

Já no comercio quando a gente vai comprar algo assim, na fronteira principalmente quando tem mais português. La eu vejo que, muitos assim, tentam falar o português os comerciantes de lá, cuanto custa esto. Já muitos brasileiros eu observei que tentam falar em espanhol só pra banguçá mesmo, só pra zoar da cara do comerciante boliviano principalmente os jovens, e tem gente de mais idade que também gostam de zoar. Os bolivianos tentam falar em português também, meu tio também fala só espanhol assim, aí ele tenta falar o português **vamos jogar uma pelota, vamos salir**, fala todo esquisito e fala alternado a língua , mistura trocando do R pelo L, o S pelo X, assim e vai alternando. (grifo nosso)

O (I-4/M/G2, 2010) fala, “Se tivesse que escolher entre inglês e espanhol, escolheria o inglês por ser mais necessário em várias empresas futuramente, mas se pudesse estudar as duas línguas ia ser melhor, por cultura própria e para o aprendizado.”

Já (I-39/F/G2, 2010) comenta que, “Escolheria o espanhol, sempre tive vontade de aprender, mas não tive oportunidade, por isso me esforço na leitura, agora que tenho aula de espanhol já consigo interpretar o que está escrito, mas não pronuncio corretamente.

Enquanto (I-75/F/G1, 2010) diz, “Se eu tivesse que optar pelo inglês ou espanhol eu optaria pelo espanhol porque nos **alunos** temos uma idéia da cultura inglesa, já o espanhol nos não sabemos e nem temos idéia como é a cultura das nações que falam espanhol. Se eu tivesse a oportunidade[...]”(grifo nosso).

Embora haja um interesse de uso do idioma apenas no contexto comercial, os estudantes consideram importante aprender o idioma como forma de aprimoramento profissional e inclusão no mercado de trabalho, mas há também aqueles que consideram aprender para comunicar-se na fronteira.

Diz, (I-67/F/G1, 2010) “Eu acho importante, porque o Brasil é o único país da América latina que não fala espanhol, tenho vontade de aprender para que eu possa me comunicar com os nossos países vizinhos de uma forma mais clara.”

E (I-68/F/G1, 2010) “Sei que é necessário o espanhol, pois nos moramos em fronteiras com países que fala espanhol, por isso, acho que é primordial conhecermos a língua que nossos países vizinhos falam”

Fala (I-72/F/G1, 2010) “Eu acho importante para que o cidadão cresça no mercado de trabalho e na sua vida social. E tenho sim vontade de aprender, pois ainda não tive essa oportunidade porque as condições financeiras não são tão boas”

Para (I-108/M/GI, 2010) “É importante saber o espanhol para nos brasileiros que somos vizinhos de um país que fala essa língua. Para facilitar o convívio com o nossos irmão do outro lado”

Enquanto (I-4/F/G1, 2010) afirma, “o espanhol é uma língua boa, eu pretendo conhecer. Eu ouvi falar madre que é mãe, nino que é filho, só essas coisas assim, por isso que eu pretendo fazer um curso pra mim ter um conhecimento maior.

Há casos em que o incentivo da escola levou alguns alunos a considerar a importância de se estudar o espanhol numa região de fronteira.

(I-37/F/G2, 2010) diz que, “Considero muito importante, um pouco por causa dos incentivos escolares em que aprendemos sobre a fronteira”.

Como as duas línguas têm a mesma origem e são tipologicamente próximas, alguns estudantes manifestaram existir o portunhol nesta fronteira.

(I-22/M/G2, 2010) comenta, “Sim quando vou a fronteira ou para a feira uso as duas línguas, dependendo da situação, pois ambos os moradores tanto do Brasil quanto da Bolívia já estão acostumados como o portunhol.”

Acreditamos que para afirmarmos categoricamente que existe um portunhol nesta fronteira seria necessário um número maior de informantes de vários outros segmentos sociais, nós nos detivemos apenas no contexto escolar para definir o grau desse contato. O portunhol é considerado um fenômeno lingüístico típico de cidades fronteiriças que representa uma interlíngua originada a partir da junção de palavras da língua portuguesa e espanhola.

Constata-se que no contato lingüístico do português brasileiro e do espanhol boliviano, há consideravelmente um interesse maior por parte dos bolivianos de aprender a língua do outro, basta atravessar a fronteira e comprar na feirinha, eles nos atendem em nosso idioma. Está claro que tal atitude linguística advém do interesse comercial.

Levamos outra abordagem em nossa investigação no que diz respeito à interferência escrita que encontramos nas respostas escrita de alguns estudantes descendentes de bolivianos. Apesar de não ser o enfoque desta investigação, consideramos por bem fazer

algumas observações a respeito. Ao analisarmos as respostas observamos que alguns casos sofriam interferência da língua espanhola na escrita. Observe-se a seguinte resposta:

(I-97/M/G1, 2010) afirma que,

A respeito da bontade de aprender, eu **quisiera** a prender o idioma espanhol para me comunicar melhor com as pessoas de outros países e para estudar e **facer** uma faculdade de qualquer projeção e trabalhar em um país como Espanha. **Cuando** eu vou a **facer** compras na fronteira eu falo em espanhol e **en** português, agora, eles entende mais, **cuando** eles não entende eu falo **en** espanhol para me comunicar melhor. A **poblação** da fronteira é mais composta da imigração das capitais dos estados e municípios de área rurais. Eu já bi muita discriminação nas ruas sobre os bolivianos, si você anda nas ruas, presta atenção por que você vai ver é muito mais. (grifo nosso)

O léxico *bontade* com b, é fruto de interferência da língua espanhola, pois na estrutura lingüística do idioma as letra /b/ e /v/ possuem o mesmo fonema oclusivo bilabial sonoro (som de [B]). O informante sofreu interferência desse fonema

Quisiera – a inserção da vogal i no léxico quisera a transformou em léxico do espanhol

Facer ocorreu uma mistura de léxicos, ou seja, o fazer do português com o Hacer do espanhol

Cualquer – em espanhol o uso da letra C, antes de a, o, u representa o fonema oclusivo velar surdo e pronuncia-se como em português qualquer / cualquier (o grupo **qua** do português escreve-se **cua** em espanhol) (grifo nosso)

Poblação – aqui o estudante quis dizer população que em espanhol se diz *población*.

Essa junção de léxicos das duas línguas provocando a interferência na escrita é um fator a ser estudado, pois interferirá no processo de ensino e aprendizagem principalmente no que tange ao ensino da língua portuguesa. O contato linguístico trouxe essa realidade para o contexto da escola e se faz necessário um levantamento no campo da escrita para analisar essa interferência do espanhol na escrita em português dos estudantes descendentes.

Observando e ouvindo as entrevistas, sobre o que os estudantes sabiam falar em espanhol obtivemos respostas semelhantes, a maioria não sabe fazer uma construção frasal completa, conhecem apenas termos e expressões. Apresentamos mais algumas dessas respostas:

(I-7/M/G1, 2010) descendente, diz que,

aqui, tipo na região de fronteira o espanhol deles é mesclado com o português, é mais fácil de entender mas quando você vai pra cidades mais longe tipo Santa Cruz é mais difícil de entender espanhol de lá. Quando eu vou comprar na fronteira tem bolivianos que falam muito bem em português

comigo. Yo estoy borracho – que significa eu estou bêbado Yo estoy con hambre – quer dizer eu estou com fome.

(I-8/F/G1, 2010) afirma,

Falam que eles não são muito higienicos por causa que são sujos a roupa e o tipo de comida que eles comem também. Eu já acho que cada um tem sua cultura tem seu modo de viver é é assim. Quando eu converso com a minha vó tem coisa que eu não consigo entender ela tenta traduzir e assim dá pra entender bem. As vezes quando eu vou a fronteira precisa porque tem coisa que eu não consigo explicar pra eles o que realmente eu quero e aí tenho que ficar fazendo mímica Ah! Eu não costumo falar em espanhol, mas sei algumas palavras tipo colher é cuchara, tem a comida picalomacho, patasca.

Já (I-9/M/G1, 2010) comenta,

Tenho uma certa facilidade no espanhol pelo fato de termos nascido aqui em área de fronteira, então, ouvimos palavras em espanhol, ouvimos pessoas falando em espanhol desde de pequeno então temos uma facilidade imensa em aprender e ler alguma coisa mas não em falar. Como a região é muito quente eu sei falar Muy caliente, chica menina, né, coisas desse tipo, mas na conversação a gente consegue dialogar mais, no comércio por exemplo, está muy caro [...] acho que como os bolivianos tem uma necessidade maior de vender e prestar serviço, por isso precisam mais se integrar a nós do que nós a eles. Por isso estão falando mais em português do que nós em espanhol.

E (I-18/M/G2, 2010), “Eu tenho vontade de aprender o espanhol porque acho importante para a gente conhecer outras culturas. Eu só sei falar **La vida es bella**, na fronteira percebo que os dois tentam falar , o brasileiro tenta falar o espanhol e o boliviano tenta falar o português, e vira tipo um portunhol no comércio.”(grifo nosso).

Todas as informações apresentadas nesta pesquisa nos mostram a necessidade de se investigar cada vez mais o contato destas duas línguas. Corumbá por ser uma cidade de fronteira acolhe muitos estrangeiros em busca de melhoria da qualidade de vida. Em recente pesquisa foi constatado que é grande a presença de bolivianos no lado brasileiro e que estes vêm em função de trabalho ou estudo, como foi abordado anteriormente na contextualização sobre as relações interculturais. Nesse contexto procurou-se saber qual era a impressão dos estudantes sobre a relação de brasileiros e bolivianos nesta fronteira.

Segundo Fiorin (2007, 43) o discurso do falante materializa valores existentes em sua formação social. O enunciador não está livre das coerções sociais e reproduz em seu discurso uma ou várias ideologias assimiladas em suas relações sociais. Nessa formação social a formação discursiva dominante é a da classe dominante. “O individuo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”(FIORIN, 2007, p.43)

Na concepção de Fiorin apesar do homem ser considerado um “animal racional” contesta a liberdade absoluta de pensamento, pois o homem é produto de relações sociais,

nesse contexto age, reage, pensa e fala como os membros de seu grupo social, sem excluir a capacidade cognitiva do homem de elaborar um discurso crítico, diferente do discurso dominante.. Porém enfatiza que mesmo o discurso crítico se constrói a partir dos conflitos existentes na realidade.

Amparamo-nos nessa concepção para refletir sobre a conduta e os discursos apresentados pelos estudantes em relação á convivência e interação com bolivianos. Acreditamos que devido á grande recorrência de respostas que classificam essa relação como sendo conflituosa, pois se apresenta permeada de preconceitos étnicos e socioeconômicos que prejudicam a real integração entre bolivianos e brasileiros. Esse sentimento que demarca e discrimina o outro no convívio social deve ser levada em consideração e discutida amplamente pela sociedade no âmbito escolar e político desta região, pois se a linguagem cristaliza e reflete as práticas sociais como postula Fiorin, então o discurso que parece já cristalizado na consciência desses estudantes está refletindo um problema de aceitação étnico socioeconômico que possivelmente abrange vários segmentos da sociedade Corumbaense

Apresentamos então algumas considerações que demonstram a imagem negativa e estereotipada que se tem dos bolivianos. Aqui temos algumas que foram as mais recorrentes no contexto escolar.

Diz, (I-1/M/G2, 2010), “Tenho a impressão que os brasileiros não gostam dos bolivianos e os bolivianos têm que conviver com os brasileiros.”

Para (I-2/M/G2, 2010) a “Relação cheia de preconceitos, superioridade, discriminação e não valorização dos bolivianos.

Afirma (I-12/F/G2, 2010) que, “Em Corumbá o convívio entre pessoas dessa nacionalidade é comum e diário, mas mesmo assim existe preconceito por parte de brasileiros contra bolivianos julgando-os inferiores e gozando de sua aparência”

Enquanto (I-49/F/G2, 2010) comenta, “Bom, a relação entre brasileiros e bolivianos em minha opinião é bastante criticada, pois várias pessoas de Corumbá discriminam as pessoas da Bolívia.”

E (I-61/M/G1, 2010) que, “Existe ainda um pouco de discriminação em todo lugar, acho que todos deveriam se conscientizar de que um necessita do outro para tudo proceder bem em nosso dia a dia”

Já (I-86/F/G1, 2010) diz, “Acho que os brasileiros não são solidários, não compreendem e tratam os bolivianos como marginais, não os acolhe como eles merecem, como trabalhadores que são.”

O (I-89/F/G1, 2010) fala, “Os brasileiros falam mal, brigam tentam tirá-los do Brasil, mas precisamos deles e eles de nós, seria bom nos conscientizarmos e agradecer por eles estarem em nosso meio.”

(I-101/M/G1, 2010) afirma, “Enquanto a isso, alguns brasileiros são racistas de ver um brasileiro e um boliviano junto, se a pessoa decidiu isso, o que a outra pessoa pode fazer. Eu gosto da relação dos brasileiros com os bolivianos e nada que me digam vai me fazer mudar de idéia”

E (I-3/F/G1, 2010) diz

[...] Tem gente que fica fazendo até piadinha, né com os bolivianos, aí porque ele é choquito, percebo sim um pouco de preconceito. Porque ele é engraçado a língua dele é feia, lá vem o bolivianinho choquito, gordinho feio. É o meu amigo mesmo que fala isso dele. Ele é boliviano nascido da Bolívia e tem os pais morando lá, só mora aqui com os avôs pra estudar mesmo. E fala o português e o boliviano. Ele não fala muito boliviano com a gente só com a família dele mesmo.

Nessas afirmações, observa-se que os estudantes percebem que há preconceito em relação aos bolivianos, pois estes apresentam um cenário socioeconômico e étnico cultural diferenciado em relação ao Brasil. Muitos são discriminados e inferiorizados por apresentarem essas diferenças tão marcantes nos traços físicos e no modo de vida. Observa-se que na entrevista da informante I-3/F/G1, faz referencia ao idioma do colega discriminado como **boliviano** e não espanhol. Pensamento que suscita outros questionamentos no contexto linguístico. (grifo nosso).

Essa relação de preconceito aliada ao sentimento de inferioridade resulta na negação às origens provocando a aculturação por parte de bolivianos e descendentes. Essa afirmação confirma-se nas respostas dadas nos questionários e entrevistas de alguns informantes descendentes de bolivianos.

(I-21/M/G2, 2010) diz, “Muitos bagunçam comigo, mas é passageiro”. “Na parte dos brasileiros eles têm esse preconceito, e na parte dos bolivianos eles tentam imitar os brasileiros.”

(I-20/F/G2, 2010) comenta que,

Bom na parte dos brasileiros, eles tem muito preconceito em relação aos bolivianos, apesar de ter uma relação comercial boa, mesmo assim eles enfrentam bastante preconceito. falam que eles são relaxados na questão da higiene, porcos, mal educados, acho que isso acontece porque apesar de conviverem, não são acostumados a lidar com o povo boliviano.

Para (I-34/F/G2, 2010),

A relação de brasileiros e bolivianos é muito boa, mas tem pessoas que ainda tem preconceito com bolivianos. O próprio boliviano tem preconceito consigo mesmo. Tenho parente boliviano, a minha vó, ela meio que nega que é boliviana, mas ela tem o sotaque, ela fala assim: **eu não sou boliviana soy brasileña** é bem misturado português com espanhol, então não tem nem como disfarçar, né[...]risos[...]é até engraçado. Eu tenho colegas que são bolivianos, que as pessoas começam a zoar deles por ser boliviano, dizem que boliviano é uma raça tipo preguiçosa, porca, então eles começam zoar, esse que é o preconceito que eu sempre vejo. Eu tenho interesse em aprender a língua espanhola porque estamos aqui na fronteira e acho que é essencial termos um pouco de conhecimento. Inclusive meu pai fala bem espanhol, mas não costuma muito falar espanhol em casa. Aqui na fronteira a gente nem sente muita necessidade de falar espanhol porque já é bem misturado com o português, então você acaba compreendendo as palavras dos bolivianos, agora lá pra La Paz você tem necessidade, porque o espanhol é bem rápido. Eu percebo que os bolivianos tentam falar português e também tentam imitar a cultura dos brasileiros. Por exemplo, quando a minha avó vai cozinhar feijão ela fala Fijon, tudo que tem L ela coloca R, e fala bem arrastado, de vez em quando eu chamo ela de abuela, ela fica olhando pra minha cara e fala nedinha. E depois vem falar pra mim que é brasileira, é normal isso, ela mesma não gosta da nacionalidade dela. Ela também já acostumou aqui, né, ela meio que tem vergonha de ser boliviana, mas não dá pra negar a raça nem fisionomia, nem o jeito que ela fala não dá pra negar nada. Não tem como negar!(grifo nosso)

Nesta contextualização estes estudantes descendentes evidenciam o processo de aculturação de seus ascendentes, esse termo no remete à sobreposição de uma cultura sobre a outra num contexto de intercambio intercultural. Na afirmação de um dos estudantes **eles tentam imitar os brasileiros**, supõe-se a anulação das tradições e costumes de origem para imitar os costumes do outro. (grifo nosso). A aluna entrevistada faz essa análise em relação à avó, que nega a origem e reafirma como sua a identidade do outro, no caso a de ser **brasileña** com a letra / ñ /da língua espanhola. (grifo nosso) Percebe-se neste contexto a ocorrência de uma interferência lingüística do espanhol no português falado pela avó da estudante.

Esse contato que promove a anulação identitária pode estar associado à imagem que se tem dos bolivianos nessa fronteira, vejamos mais alguns exemplos segundo a ótica dos estudantes.

Segundo (I-3/M/G2, 2010), “Na fronteira, considero-os como índios pobres, com baixa renda e vivendo em péssimas condições”.

Para (I-52/M/G1, 2010) “As impressões sobre os bolivianos não são tão boas, porque alguns deles não têm tanta higiene”.

De acordo com (I-60/M/G1, 2010) “Bolivianos têm seus defeitos, mas são gente boa e trabalhadores, assim como nos brasileiros”.

(I-68/F/G1, 2010) diz, “Tenho uma má impressão dos bolivianos, pois lá é um lugar sujo e muitas vezes nos tratam grosseiramente”.

Conforme (I-70/F/G1, 2010), “Que eles são muito violentos e sem higiene, pois tem muitos cachorros com doenças e dengues”.

(I-74/F/G1, 2010) comenta que: “Bom, acho que eles não tem um padrão de limpeza, mas fora isso parecem ser boa gente”.

Afirma (I-77/F/G1, 2010), “Acho eles um pouco porcos, mas eu não posso falar muita coisa porque o meu namorado é boliviano de Santa Cruz”.

Para (I-67/F/G1, 2010), “Tenho a impressão de ser um povo dividido, de um lado os colhas que os índios dos Andes, que são trabalhadores e tem sua visão voltada para a agricultura, de outros os que são os descendentes dos espanhóis que são muito trabalhadores.”

(I-62/M/G1, 2010) diz que, “A impressão que tenho e que os bolivianos são um povo muito trabalhador, mas que pena que o país é pobre e tem muita desigualdade social.”

Diante desse quadro, pode-se afirmar que o fator étnico e o contexto socioeconômico apresentado pela Bolívia influenciam na não aceitação por parte de alguns bolivianos à sua origem e conseqüentemente a assimilação de outra identidade social, no caso a dos brasileiros.

O discurso transmitido pelos estudantes veicula um estereótipo negativo cheio de aversões e hostilidades em relação ao boliviano. Os próprios estudantes descendentes evidenciam essa realidade. Veja-se o depoimento a seguir:

(I-31/M/G2, 2010) descendente, diz:

Eu acho que na maioria das vezes muitos brasileiros gostam de zoar da cara dos bolivianos, banguçá assim, tentando imitar um pouco eles assim. A minha vó era descendente de boliviano, ela é boliviana praticamente, só que na área de camba ela é camba diferente do colha. Meu pai diz pra mim que os colhas na maioria das vezes são um pouco sujos como muitos aqui que foram entrevistados disseram que eles são sujos, mas não são todos da Bolívia que são sujos e porcos assim, ou se os colhas praticamente algumas partes da descendência de cambas também. Os cambas são diferentes dos colhas porque eles são mais organizados assim, não são preguiçosos como eu ouvi aqui na entrevista também. Já presenciei muitas situações de preconceito, por mim também, já falaram assim, seu boliviano, que sou isso, que sou aquilo, já houve essa discriminação comigo mesmo. **Seu boliviano não sei o quê, voce é sujo[...] pelo meu jeito também de usar o cabelo** já em relação ao idioma meu pai fala mais em espanhol do que português comigo assim. E a gente vai entendendo aos poucos e ele vai me ensinando. Por exemplo, meu pai gosta muito de falar em poesia: escucho y veo tu rostro, tu paso largo, tus caricias, mis manos, são poesias que ele fala mais em espanhol. (grifo nosso).

Nesse sentido acredita-se que esse processo aumenta a relação de preconceito e discriminação existente por parte dos brasileiros. Considerando o exposto, apresentamos

outras afirmações de estudantes que têm amizade ou algum contato com bolivianos ou descendentes e que já presenciaram algum tipo de preconceito ou discriminação.

Afirma que (I-12/F/G2, 2010), “Não conheço muitos bolivianos, mas tenho contato com vários descendentes. Já presenciei muitas brincadeiras pejorativas que são feitas às pessoas dessa nacionalidade ou descendentes. porém na maioria das vezes são levadas na esportiva, mesmo sendo preconceituosas e de mau gosto”

De acordo com (I-50/F/G2, 2010), “Tenho uma conhecida boliviana, e na minha antiga escola ela era muito discriminada principalmente pelos meninos da sala de aula”

Já para (I-83/F/G1, 2010), “Muitas vezes são discriminados pelos colegas de classe. Os brasileiros têm preconceitos em questões referentes aos bolivianos, muitos se desfazem de pessoas que são bolivianas.”

E informa (I-80/F/G1, 2010),” Pra ser sincera eu odeio os bolivianos[...]na minha sala já estiveram dois bolivianos, como não gosto, não falo e nem puxo assunto com eles. Pra mim, acho que a maioria dos brasileiros tem essa mesma impressão que eu. Eles não se dão muito bem, mas se toleram.”

Porém, cabe ressaltar, que a análise das situações de constrangimento e estranhamento vivenciadas pelos estudantes em contato com bolivianos ou descendentes, é um dado estatisticamente considerável nessa convivência social e deve ser contextualizada. Contudo, sabe-se que em Corumbá, além das manifestações religiosas que unem e promovem a interação, há também muitos segmentos que trabalham no sentido de integrar brasileiros e bolivianos, principalmente no âmbito cultural. Concernente a esse contexto foram detectados dados que comprovam a existência de interações amistosas nesse contato.

(I-98/M/G1, 2010) diz que, “Eu tenho amigos bolivianos, já tive uma amiga boliviana na sala de aula e ela nunca foi discriminada, muito pelo contrario, todo mundo queria saber dela como era viver na Bolívia, ela dizia que é muito bom, ela gostava de estudar no Brasil , mas queria continuar morando na Bolívia”

Para (I-87/F/G1, 2010), “Os bolivianos são pessoas de culturas diferentes, então como toda cultura eles têm suas manias e seus jeitos diferentes da nossa. E a impressão que eles me passam é de que são pessoas calorosas e acolhedoras.”

Já (I-108/M/G1, 2010) afirma que, “As minhas impressões em relação aos bolivianos são as melhores possíveis, porque é um povo hospitaleiro. Tenho alguns amigos bolivianos e todos eles são muito educados.

E (I-109/M/G1, 2010) afirma que, “São um povo guerreiro, briguento, que apesar do modo de vida em que a classe pobre passa são alegres e não são de reclamar e sim procurar a cada dia uma vida melhor, tenho vários amigos bolivianos, são pessoas muito ligadas a mim, são grandes amigos.”

Diante dos exemplos apresentados, e com a concepção de que a sociedade influencia no comportamento social, depreende-se que estes estudantes estão reproduzindo na convivência escolar, mesmo que inconscientemente, sentimentos e imagem negativa em relação aos bolivianos, em decorrência de representações de uma prática social.

Considerando todo o exposto, acreditamos que haja um estranhamento nas relações de convivência entre brasileiros e bolivianos, tal comportamento aparece mascarado numa **pseudo** relação de harmonia e paz com *Los hermanos bolivianos*, axioma típico na fronteira, mas que na prática, como mostra esta pesquisa não é predominante. (grifo nosso). Como cabe à escola o papel de resgatar e emancipar culturalmente o aluno, esse tema precisa ser amplamente debatido no contexto escolar para que não se cristalice aversões, ou relações estritamente comerciais no contato fronteiriço.

Embasados em Bourdieu finalizamos afirmando que a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante, não distinguindo-se das outras classes, legitimando a ordem estabelecida e dissimulando a função de divisão em que a cultura que une é também a cultura que separa, mantendo as classes dominadas subjacentes ao poderio econômico da cultura dominante. Conclui-se que, neste espaço fronteiriço se não houver interesse político do país de maior potência econômica não haverá mudança no paradigma de convivência estigmatizada e inferiorizada vivida pelo do boliviano no contato com o brasileiro. As ações concretas de integração no campo social e intercultural poderão ser realizadas por meio da inclusão, aceitação das diferenças e uma real interação linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos entender aspectos do contato linguístico em Corumbá, município que faz fronteira com a Bolívia. Nesse contexto procuramos conhecer a relação sociocultural existente nessa região, a partir da visão de estudantes. Nessa trajetória à luz das teorias elencadas durante o processo de investigação, tentamos revelar o que este espaço discursivo apresenta de diferente das fronteiras já estudadas. Os dados apresentados nesta investigação foram fruto de um processo analítico-interpretativo em que procuramos vislumbrar um cenário de contato entre atores sociais heterogêneos.

Foi um desafio o que enfrentamos nesta pesquisa, que se propôs analisar o nível de interação linguística oriunda do contato entre o português e espanhol no contexto escolar corumbaense. Vimos a possibilidade de encontrar neste contexto algum fenômeno linguístico diferenciados, a exemplo do dialeto não normatizado conhecido como portunhol. Fizemos várias indagações sobre a proximidade português/espanhol, como influências, interferências ou domínio de uma língua sobre a outra.

Depreendemos que a fronteira é mais que a delimitação de um espaço geográfico com fiscalização militar e controle político. A fronteira também é produto de uma divisão de realidades sociais diferentes ou semelhantes delimitadas em função da língua, tamanho da terra entre outras questões antropológicas que são inerentes ao ser humano.

Em nosso olhar sobre esta fronteira, percebemos o quanto essas dessemelhanças interferem no contato linguístico. Conforme Bourdieu (2009) a delimitação espacial produz a diferença cultural. Assim, acreditamos que as diferenças e assimetrias econômicas existentes nesta região subjazem a Bolívia num patamar de inferioridade em comparação ao Brasil, reforçando, a sobreposição de uma cultura sobre a outra diante da hegemonia econômica.

O contato entre brasileiros e bolivianos, segundo o olhar dos estudantes, não apresenta uma boa aproximação identitária, visto que não há nessa convivência diária a assimilação cultural efetiva e sim parcial do lado brasileiro da fronteira, e é o contexto econômico da Bolívia que interfere nessa relação. Não sabemos como esse mesmo processo se estabelece do lado boliviano, visto que envolveria outra investigação que enfoque essa mesma análise. Os resultados encontrados nesta pesquisa podem ser sintetizados nos seguintes pontos:

Negação às origens provocando a aculturação de bolivianos e descendentes que vivem no Brasil. Os discursos apresentados pelos estudantes em relação a convivência e interação com bolivianos comprova essa afirmação. Predominantemente a imagem que se tem dos

bolivianos é a de pessoas trabalhadoras e sofridas no contexto social, porém são considerados ou vistos como **sujos** pelos brasileiros, por apresentarem aspecto de pouca higiene (relato dos estudantes embasados no que ouvem na fronteira) (grifo nosso).

Relação de preconceito e discriminação a estudantes bolivianos. Mostramos que é de rotina essa realidade em razão de 67% do total de informantes das escolas públicas, e 55% dos estudantes de escolas particulares afirmarem já ter presenciado algum tipo de preconceito ou discriminação a bolivianos.

No que se refere à intenção de uso da língua espanhola, vimos que, restringe-se ao contexto comercial, neste sentido, nominamos essa forma de uso como situacional (circunstancial), com a intenção de levar vantagem pessoal, ou seja, os estudantes demonstraram maior preocupação em conseguir descontos nas compras, do que comunicar-se numa perspectiva de uso interacional da língua. E revelam que amigos, parentes e conhecidos cruzam a fronteira com essa mesma visão e interesse;

Há delimitação e distanciamento na interação linguística entre brasileiros e bolivianos, impedindo uma aproximação maior. O boliviano tem uma convivência estigmatizada e inferiorizada no contato com o brasileiro.

No contato linguístico do português brasileiro e do espanhol boliviano, há consideravelmente um interesse maior por parte dos bolivianos de aprender a língua do outro, basta atravessar a fronteira e comprar na feirinha para perceber essa realidade.

Constatamos que há influência do português no espanhol falado na fronteira tanto por parte dos estudantes descendentes que relataram não praticar o idioma (espanhol) dos pais em casa. E não há fortes indícios de influência do espanhol no português falado pelos estudantes brasileiros;

Os comerciantes bolivianos dominam vários léxicos da língua portuguesa que são pertinentes ao contexto de vendas;

Encontramos a junção de léxicos das duas línguas provocando a interferência na escrita de alunos descendentes de bolivianos (fator a ser estudado, visto que interferirá no processo de ensino e aprendizagem principalmente no que tange ao ensino da língua portuguesa).

Olhamos atentamente o contexto escolar e percebemos essas situações que configuram atitudes discriminatórias na convivência entre os estudantes. Como convivemos nessa rotina escolar como professora de espanhol, pudemos vivenciar tal realidade. Nesse sentido, acreditamos que a escola deve posicionar-se diante de tal problema, estereotipar o outro que lhe é diferente acaba acarretando dificuldades de convivência social, não estamos afirmando

que ocorra omissão no contexto escolar, mas é fato que não acontece na rotina estudantil uma discussão direta sobre o assunto.

Diante do exposto, precisamos reconhecer a existência do preconceito para levantar essa discussão, primeiro no espaço escolar, e gradativamente em todos os demais segmentos sociais. Por essa razão pretendemos sensibilizar o setor educacional apresentando o resultado geral desta pesquisa, como proposta de contribuição deste trabalho. Esse resultado poderá ampliar a visão dos estudantes sobre a pluralidade linguística existente neste contato com bolivianos, e iniciar a discussão sobre a necessidade de inserção da língua espanhola nas escolas de Corumbá.

Em virtude das atitudes linguísticas tomadas pelos estudantes, evidenciadas neste trabalho, que representa um recorte linguístico sociocultural limitado ao contexto escolar do lado brasileiro, observamos que há muito que se pesquisar e analisar no contexto linguístico local e levando em consideração as limitações desta pesquisa, apresentamos algumas sugestões que podem auxiliar na construção de novas hipóteses para futuros trabalhos sobre línguas em contato nesta região:

Produzir mais referencial teórico sobre as línguas em contato português/espanhol nesta região de fronteira.

Identificar variações linguísticas do léxico espanhol incorporadas pelos estudantes brasileiros na feirinha de roupas.

Elaborar um glossário com léxicos comuns utilizados pelos estudantes brasileiros no contato com bolivianos. Nesse sentido elaborar uma pesquisa sobre a **Linguagem dos estudantes fronteiriços**.(grifo nosso)

Estudar os aspectos linguísticos envolvendo estudantes do lado boliviano da fronteira

Nesse sentido, consideramos que é preciso sentimento de pertença a esta fronteira, para que possamos valorizar as diversidades identitárias nela existentes, visto que vivemos num contexto de pluralidade cultural. Vemos que há festas que promovem a interação local, por sua vez, os representantes políticos realizam atos institucionais com acordos bilaterais que visam a integração, porém embasados nas evidências apresentadas em nossa pesquisa vemos que é grande o distanciamento sociocultural entre brasileiros e bolivianos.

Acreditamos que com esta pesquisa iniciaremos uma série de discussões que contribuirão para incentivar a interação entre bolivianos e brasileiros e conseqüentemente diminuir preconceitos e favorecer a integração intercultural por meio da língua.

BIBLIOGRAFIA

ABRÃO, S. Bernadette. (Org). **História da Filosofia**. São Paulo: Nova cultural, 2004.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. As línguas nacionais na fronteira Paraguai-Brasil. In: Seminário internacional fronteiras étnico-culturais e fronteiras da ex-clusão. O desafio da interculturalidade e da equidade: a etnicidade no contexto de uma sociedade intercultural, 3, 2006. 1 CD-ROM.

ALVES, Gilberto Luiz. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande-MS:UNIDERP, 2003..

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução Lólio. Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) 12ª ed. Rio de Janeiro : 2009.

BRASIL. **Lei 11.161, de 5 de agosto de 2005**. Dispõe sobre o ensino de língua espanhola. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php>. Acesso em:25/02/2010.

_____. **Escolas de Fronteiras**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc_final.pdf 2008. Acesso em 01 abr /2010.

BRENNA B. Jorge. De La frontera nacional a La frontera pluricultural. **Frontera norte** v.22 n.44 México jul./dic. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo> Acesso em: 05/02/2011

CALVET, L. **As políticas lingüísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL,2007.

ENI Pulcinelli Orlandi (Org). **Política lingüística na América Latina**. Campinas, SP: Pontes,1988.

ESPIGA, Jorge; ELIZAINCÍN, Adolfo (org). **Español y Portugués: um (velho) e novo mundo de fronteiras e contatos**. Pelotas: EDUCAT, 2008.

ESSELIN, P. M. **A Gênese de Corumbá: Confluência das Frentes espanhola e portuguesa em Mato Grosso (1536-1778)**. 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2000.

FONSECA, Maria Stella Vieira; NEVES, Moema Facure (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GABBIANI, Beatriz: Las lenguas extranjeras en el MERCOSUR: el lugar de la formación docente. **Segundo seminario interamericano sobre la gestión de las lenguas**. Asunción, Paraguay: 4-6 de junio. 2003. Disponível em: http://dti.unilat.org/segundo_seminario/gabbiani.htm. Acesso em 24 mar 2010.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional** – Novas políticas em educação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

GOMES, M. C. . **Cultura e Identidade: Reflexões sobre uma nova questão social na política mundial** . Em Debate (PUCRJ. Online), v. 1, p. 1, 2005

GONZÁLEZ, N. M. . A lei 11.161, as Orientações Curriculares e as políticas públicas de formação de professores: a história de um descompasso entre o dizer e o fazer. In: **V Congresso Nacional da Associação Brasileira de Hispanistas e I Congresso Internacional de Hispanistas**. 2009, São Paulo. Anais do V Congresso Nacional da Associação Brasileira de Hispanistas e I Congresso Internacional de Hispanistas. São Paulo, 2008. v. 1.

GUIDORIZZI, C. A. de A. **O emprego do Espanhol na fronteira Brasil/Bolívia**. dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. 2004.

HOBBSAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

LABOV, William. **Principios Del cambio lingüístico** . Factores internos. Madrid, Gredos, 1996.

LIPSKI, John. M Cruzando fronteras/Cruzando lenguas. (Invited keynote lecture, Third Interdisciplinary **Colloquium on Hispanic/Latin American Literatures, Linguistics, and Cultures, El arte de (con)vivir/the art of (co)existence**. University of Florida, Gainesville, October 11, 2007). Disponível em <http://www.personal.psu.edu/jml34/cruzando.pdf> Acesso em 05 nov 2010.

MACHADO, Lia Osorio . **Sistemas, Fronteiras e Território**. Rio de Janeiro: Grupo Retis/UFRJ, 2002.

MAGNOLI, Demétrio . **O corpo da Pátria** - Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Moderna, 1997.

MANCILLA BARREDA, Suzana ; RIVAS, V. E. . Cuestiones sobre la Identidad Lingüística en la Frontera de Corumbá (MS-Brasil) y Puerto Quijarro (Santa Cruz-Bolivia). **XIII Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol**. CD ROM, 2009. Mouton,

OLIVEIRA, T. C. M. . Os Elos da Integração. In: Marco Aurélio Machado de Oliveira e Edgar Costa. (Org.). **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande-MS: UFMS, 2009.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites**: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005.

ORLANDI, E. P. (org). **Política Lingüística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PEREIRA, J. H. V. Diversidade cultural nas escolas de fronteiras internacionais: o caso de Mato Grosso do Sul. v.2, n. 1, p. 51-63, jan. / jun. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/327/325>
Acesso em 15 mar 2010.

PRETTI, Dino. **Sociolingüística**: Os níveis de fala. Um estudo Sociolingüístico do Diálogo Literário. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Letícia Parente. **Zonas de Fronteira Internacionais na Atualidade**: Uma Discussão. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

RONA, J.P. El. **Dialecto “fronterizo” del Norte del Uruguay**. Montevideo: Universidad de la República, 1959.

SAVEDRA, M.M.G. Política Lingüística no Brasil e Mercosul: O ensino de primeiras e segundas línguas em um bloco regional. **Revista Palavra**. Departamento de Letras PUC. n. 11. Rio de Janeiro: Trarepa, 2003.

SOUCHAUD, S. E BAENINGER, R. Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **R. bras. Est. Pop.** São Paulo, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008.

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia linguística: dominação e liberdade.** São Paulo: Contexto, 1990.

STEIMAN, Rebeca ; MACHADO, Lia Osorio . **Limites e Fronteiras Internacionais.** Uma discussão histórico-geográfica. Rio de Janeiro: Grupo Retis/UFRJ, 2002.

STURZA, E. R. . **Línguas de Fronteira:** O Desconhecido Território das Práticas Lingüísticas nas Fronteiras Brasileiras. Ciência e Cultura, São Paulo, p. 47-50, 2005.

_____. **Línguas de Fronteiras e Política de Línguas:** Uma História das idéias Lingüísticas. Tese de Doutorado. Unicamp, 2006.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, Uriel. **Language in contact.** New York, Linguistic Circle & The Hague, 1953
_____. Languages in contact: Findings and problems. The Hague/Paris: Mouton, 1974.

APÊNDICES

MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS – UFMS-CPAN

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Informante :

Escola

Contato :

Data :

Hora:

1. Qual o seu nome e idade?
2. Como você vê a relação ou convivência entre brasileiros e bolivianos aqui na fronteira?
3. Tem parentes bolivianos ou amigos?
4. Percebe algum tipo de preconceito nesse contato?
5. Com relação ao espanhol você consegue compreender bem ou não compreende nada?
6. Tem interesse em aprender a língua, ou acha difícil por quê?
7. O que você sabe falar em espanhol? Pode dizer algumas palavras que conhece nesse idioma.
8. Em que situação aqui na fronteira você sente necessidade de falar o idioma?
9. Quando você vai às compras na fronteira já observou se os brasileiros tentam falar em espanhol com os comerciantes bolivianos?
10. No comércio desta fronteira, os bolivianos falam mais português ou espanhol quando atendem clientes brasileiros. Em sua opinião porque isso acontece?

Agradeço imensamente a sua colaboração, pois ela será de suma importância em nossos estudos.

ROTEIRO DE ENTREVISTA - ALUNOS

/ /2010

Dados de identificação:

Escola _____ – Ensino Médio (_____)

Identificação do informante:

Nome completo:

Endereço :

Idade:

Profissão:

Sexo : (..) M (....) F

Fone:

Email:

Nacionalidade: (...) brasileiro (a) (.....)boliviano / Naturalidade:

Nacionalidade do pai: (...) brasileiro (a) (.....)boliviano Outros ()

Nacionalidade da mãe: (...) brasileiro (a) (.....)boliviano Outros ()

Dos Avós maternos: (...) brasileiro (a) (.....)boliviano Outros ()

Dos avós paternos: (...) brasileiro (a) (.....)boliviano Outros ()

Com relação à língua espanhola:

6. O que acha do idioma (tem vontade de aprender e porque)
7. Considera importante aprender a língua do país vizinho (por quê?)
8. Fala e usa o idioma em alguma situação (quais?)
9. O que sabe sobre a lei 11.161/05. Considera importante?
10. Caso tivesse que optar entre o inglês e o espanhol, que idioma escolheria para estudar (por quê?)

Em relação à Bolívia:

5. O que você sabe sobre a Bolívia?
6. Quais as impressões sobre os bolivianos. Tem amigos bolivianos?
7. Tem interesse em conhecer a cultura boliviana
8. Quais suas impressões sobre a relação de brasileiros e bolivianos?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O presente termo refere-se a um convite a participação do (a) Sr. (a) _____, ou sob a responsabilidade de seu presente legal Sr. (a) _____, a participar como sujeito de pesquisa intitulado: **“Aspectos do contato linguístico da fronteira Brasil/Bolívia”**. A pesquisa tem como objetivo **Analisar a interação linguística oriunda do contato das línguas portuguesa e espanhola na região de fronteira**, e será realizada durante **o ano de 2010**, através de **entrevistas e análises de dados**.

A pesquisa será realizada pela pesquisadora, **Verônica Elizabeth Rivas**. Esta pesquisa visa obter informações **no contexto brasileiro sobre aspectos do contato linguístico entre estes idiomas e entender como ele se estabelece, há influência ou interferência do espanhol no português falado pelos estudantes Corumbaenses**. No estudo sua identidade será mantida em sigilo. Os riscos da pesquisa **podem estar inerentes à subjetividade expressada nas respostas** e os benefícios pela participação da pesquisa **podem ser obtidos ao final, com o resultado do estudo, onde será proposta uma solução para a problemática estudada**. Não haverá nenhuma forma de pagamento pela participação do estudo e caso seu filho (a) ou o Sr. (a) se recuse a participar sua vontade será respeitada.

Os resultados da pesquisa serão apresentados em **forma de dissertação de mestrado**, e deverão ser publicados e apresentados em eventos científicos.

Ao término da pesquisa será realizada uma devolutiva dos resultados para os sujeitos envolvidos na mesma. Assim se o (a) Sr. (a) aceitar o convite para participar da pesquisa **(ou em caso do menor, permitir a participação do menor)**, que envolve um questionário com tópicos relacionados ao contexto da pesquisa, por favor, preencha os espaços abaixo:

Eu, _____, portador do RG _____, fui devidamente esclarecido(a) do projeto de Pesquisa acima citado e aceito o convite para participar.

_____, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do pesquisador responsável (**Verônica Elizabeth Rivas**):

Este documento é emitido em duas vias, sendo uma entregue ao colaborador (entrevistado) e outra que fica sobre os cuidados do pesquisador.

Telefone e/ou endereço do pesquisador para contato, caso surjam dúvidas: **Verônica Elizabeth Rivas, fone (067) 9941-7552, end: Rua Delamare, nº576 UFMS/CPAN/MEF**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – CÂMPUS PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O presente termo refere-se a um pedido de autorização ao responsável por esta instituição Sr.(a) _____, Diretor (a) da _____, para que os alunos do Nível Médio dessa instituição possam participar como sujeitos de nossa pesquisa intitulado: **“Aspectos do contato lingüístico da fronteira Brasil/Bolívia”**. A pesquisa tem como objetivo **Analisar a interação lingüística oriunda do contato das línguas portuguesa e espanhola na região de fronteira**, e será realizada durante **o ano de 2010**, através de **entrevistas e análises de dados**.

A pesquisa será realizada pela pesquisadora, **Verônica Elizabeth Rivas** e visa obter informações **no contexto brasileiro sobre os aspectos interacionistas provenientes do contato lingüístico no município de Corumbá e entender como este se estabelece, se há influência ou interferência do espanhol no português falado pelos estudantes Corumbaenses**.

Os resultados desta pesquisa serão apresentados em **forma de dissertação de mestrado**, e deverão ser publicados e apresentados em eventos científicos. Com o intuito de obter dados qualitativos que possam contribuir no entendimento das relações que se estabelecem na sociedade fronteiriça e seu reflexo nas escolas, solicitamos a colaboração desta instituição.

Ao término da pesquisa será realizada uma devolutiva dos resultados para os sujeitos envolvidos na investigação. Assim se o (a) Sr. (a) autorizar a participação de alunos da instituição, por favor, preencha os espaços abaixo:

Eu, _____, portador (a) do RG _____, fui devidamente esclarecido(a) do projeto de Pesquisa acima citado e autorizo o pesquisador (a) a entrevistar alunos desta escola.

_____, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do pesquisador responsável (**Verônica Elizabeth Rivas**):

Este documento é emitido em duas vias, sendo uma entregue ao colaborador e outra que fica sobre os cuidados do pesquisador.

Telefone e/ou endereço do pesquisador para contato, caso surjam dúvidas: **Verônica Elizabeth Rivas, fone (067) 9941-7552, end: Rua Delamare, nº576 UFMS/CPAN/MEF (3234-6871)**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Cidade Universitária ▫ Caixa Postal 549 ▫ CEP 79070-900
Campo Grande - MS - Brasil ▫ Tel: 67 3345-7187